



HALTING LIVES

O impacto da COVID-19 sobre
meninas e mulheres jovens



SUMÁRIO

1. Introdução	x	3.3. A Saúde e os Direitos Sexuais e Reprodutivos	14
Por Que Meninas e Mulheres Jovens?.....	4	Ilustrando o Contexto.....	14
2. Metodologia	5	Descobertas da Pesquisa.....	15
Coleta de Dados.....	5	3.4.O bem-estar de Meninas e Jovens durante a Pandemia	17
Tamanho da Amostra.....	6	Ilustrando o Contexto.....	17
Análise de Dados.....	6	Descobertas da Pesquisa.....	18
Limitações da Pesquisa.....	6	3.5. Acesso à Renda	20
3. Descobertas	7	Ilustrando o Contexto.....	20
3.1. O conhecimento e a experiência de meninas adolescentes e mulheres jovens com o COVID-19	8	Descobertas da Pesquisa.....	22
O Conhecimento sobre o COVID-19.....	8	3.6. Acesso à Tecnologia	23
Medida das Mudanças no Dia a Dia e os Efeitos Negativos da COVID-19.....	9	Ilustrando o Contexto.....	23
Percepções de Diferenças Baseadas em Gênero vs. Efeitos Negativos Experimentados.....	11	Descobertas da Pesquisa.....	24
3.2.Experiências com Educação durante a COVID-19	12	3.7. O Futuro	25
Ilustrando o Contexto.....	12	Ilustrando o Contexto.....	25
Descobertas da Pesquisa.....	13	Descobertas da Pesquisa.....	26
		4. Conclusão	28
		Recomendações	29

RECONHECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaríamos de agradecer às meninas e jovens que participaram da nossa pesquisa, dos Estados Unidos, Brasil, Equador, Nicarágua, Espanha, França, Índia, Austrália, Vietnã, Zâmbia, Etiópia, Gana, Egito e Moçambique. Agradecemos também a: Kantar e Ipsos Mori, que conduziram a pesquisa em 12 países, à equipe da Plan International em Gana por realizar a pesquisa em Gana e à Plan International Egito, que realizou a pesquisa como parte de suas atividades programáticas regulares.

Autores de Relatório: Sharon Goulds, Isobel Fergus e Esther Winslow.

Design: Sandra Dudley

Contribuições adicionais: Agradecemos pelos seus valiosos comentários: Jacqueline Gallinetti, Aisling Corr, Samantha Deb, Leah Moss, Richard Morgan, Lindsey Hutchinson, Zienab Anwar, Janani Vijayaraghavan, Katie Lau, Molly Fitzgerald, Anna Liwander, Julien Beauhaire, Bertille Bertinotti-Proust, Violeta Castaño, Dai Luu Quang, Maria Holsopple, Laura Brazee, Katherine Philipps, Tahlia Clarke, Silvia Elena Moncada, Sam Tembo, Getachew Adamu e Danny Plunkett.

SOBRE A PLAN INTERNATIONAL

A Plan International é uma organização humanitária e de desenvolvimento independente que promove os direitos das crianças e a igualdade para meninas. Buscamos um mundo justo, trabalhando junto com crianças, jovens, apoiadores e parceiros. Usando seu alcance, experiência e conhecimento, a Plan International impulsiona mudanças na prática e na política em nível local, nacional e global. Somos independentes de governos, religiões e partidos políticos. Por mais de 80 anos, construímos parcerias de alto impacto em prol das crianças e atuamos em mais de 75 países.

1. INTRODUÇÃO

Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi formalmente notificada sobre um grupo de casos de pneumonia na cidade de Wuhan, onde vivem 11 milhões de pessoas e é o centro cultural e econômico da China central. Em 5 de janeiro, havia 59 casos conhecidos e nenhum foi fatal. Dez dias depois, houve 282 casos confirmados, dos quais quatro foram no Japão, Coreia do Sul e Tailândia e houve seis mortes em Wuhan. O vírus responsável foi isolado no dia 7 de janeiro e seu genoma foi compartilhado em 12 de janeiro. A causa da síndrome respiratória aguda e grave que se tornou conhecida como COVID-19 foi um novo coronavírus, SARS-CoV-2.¹ Em 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde declarou o surto como uma emergência de saúde pública mundial. Até o momento em que este artigo foi escrito, 188 países foram afetados pelo vírus,² com 25.500.870 casos confirmados e 850.879 mortes no mundo.³

À medida que os casos continuam a se espalhar em todo o mundo, está ficando muito claro que o surto desse vírus tem implicações que vão muito além do impacto direto na saúde física das pessoas. O que começou como uma emergência de saúde está causando fortes mudanças na sociedade, enquanto os governos lutam para tentar conter a crise. As respostas incluem o lockdown, que varia do auto-isolamento à quarentena obrigatória, com exceções regulamentadas; suspensão de viagens internacionais e internas; proibição de reuniões sociais; fechamento de bares e restaurantes, de escolas; suspensão de reuniões religiosas; pacotes de empréstimos financeiros para empresas; apoio financeiro para pessoas físicas; redução de transportes e serviços retalhistas e suspensão de negócios não essenciais desde construtoras à centros de lazer. No auge do isolamento, cerca de 3,9 bilhões de pessoas (metade da população

mundial) estavam em lockdown.⁴ As restrições diminuíram em muitos países, mas as medidas de prevenção COVID-19, como o lockdown, o distanciamento social, reuniões apenas em ‘bolhas’ e uso de máscaras continuam em vigor.⁵ Para as comunidades, especialmente aquelas em áreas de conflito ou que vivem em campos de refugiados, que já lutam com a superlotação, saneamento deficiente e pouca proteção social, essas medidas de mitigação são em grande parte impossíveis e o vírus continua a ser letal. Até o momento, a modelagem prevê que a pandemia geral de COVID-19 deve durar por um período de pelo menos 12 a 18 meses.⁶

O COVID-19 está tendo um impacto em todos os setores da sociedade em todo o mundo. Mas seu impacto não sobre as pessoas não é igual: o vírus parece discriminar entre ricos e pobres, jovens e velhos, homens e mulheres, mas, na verdade, se aproveita de desigualdades pré-existentes.⁷ Essas vulnerabilidades interseccionais e intergeracionais formam uma complexa rede de interconexões, que impactam vários grupos dependentes de fatores como sexo, gênero, idade, raça, deficiência e renda. Com isso em mente, a Plan International, seguindo seu propósito contínuo de igualdade de gênero e de direitos das meninas, contratou uma pesquisa para examinar especificamente o impacto da pandemia atual sobre meninas e jovens, coletando dados de mais de 7.000 meninas em 14 países. O relatório também inclui entrevistas com mulheres jovens, que refletem sobre o impacto que o COVID-19 teve em suas vidas, conduzido pela Plan International em Moçambique, Brasil, Gana e Nicarágua.

POR QUE MENINAS E MULHERES JOVENS?

Nos últimos meses, enquanto o mundo tentava desesperadamente lidar com os impactos do vírus e preparar uma resposta para os diversos efeitos secundários, surgiram muitas pesquisas sobre o COVID-19. No entanto, há poucas pesquisas sobre os impactos sociais da COVID-19 e suas consequências para jovens, especialmente para as meninas. A adolescência, particularmente do meio ao final da adolescência (15-19 anos), quando várias transições cruzadas podem definir o futuro, é um período crítico para as/os

jovens. Para meninas e mulheres jovens, em muitos países em todo o mundo, é um momento em que elas estão particularmente em risco: muitas vezes outras pessoas tomam por elas decisões que são prejudiciais para o seu futuro, e as expectativas e oportunidades para as meninas, em toda a sua diversidade, divergem consideravelmente das mesmas para meninos e homens.⁸ No final da adolescência, decisões são tomadas pelas meninas e envolvem sua educação, casamento e planos de carreira. O fardo das responsabilidades domésticas fica mais pesado e suas liberdades podem ser reduzidas de acordo com as expectativas de gênero sobre o comportamento feminino e a vulnerabilidade das meninas à violência sexual. Uma pandemia global que tira as meninas da escola e tem um impacto negativo na renda familiar só piora as coisas.

“Em minha família, sempre tivemos dificuldades financeiras, mas a incerteza com o Coronavírus e seus efeitos futuros na nossa renda está deixando as pessoas desesperadas. Se a geração mais velha, como minha avó e meu tio, tivesse informações sobre as vantagens de mandar as meninas para a escola, em vez de apenas empurrá-las para o casamento, não haveria pressão sobre mim e outras meninas.” Angelina, de 17 anos, Moçambique ⁹

A escala desta pandemia afeta meninas e mulheres jovens em todos os aspectos de suas vidas diárias: sua segurança, bem-estar, educação, segurança econômica, saúde, nutrição e acesso à tecnologia. Todas as desigualdades pré-existentes foram agravadas pelo COVID-19. Seu impacto sobre meninas e mulheres jovens, que enfrentam vulnerabilidades únicas, precisa ser reconhecido e são suas experiências e perspectivas que esta pesquisa busca compreender.

2. METODOLOGIA

COLETA DE DADOS

Os dados foram coletados nos seguintes países: Austrália,¹⁰ Brasil, Equador, Egito, Etiópia, Gana, Índia, Moçambique, Nicarágua, Espanhal, Estados Unidos, França, Vietnã, e Zâmbia.

Eles foram coletados por meio de uma pesquisa com perguntas fechadas, composta por 15 perguntas para meninas e mulheres jovens sobre seus conhecimentos sobre a pandemia COVID-19 e suas consequências em suas vidas em relação à educação, bem-estar, segurança econômica, meios de subsistência e acesso à tecnologia. Todas as contribuições citadas de meninas e jovens são entrevistas de relatórios realizados pelos escritórios nacionais da Plan International em Moçambique, Brasil, Nicarágua e Gana.

Os dados foram coletados principalmente por meio de pesquisas online: três países coletaram dados por meio de entrevistas por telefone assistidas por computador, dois países coletaram pesquisas pessoalmente com tablets, respeitando as regras de distanciamento social.¹¹ A aprovação ética para a pesquisa foi concedida por dois acadêmicos internacionais dos direitos da criança.¹²

Em 12 dos 14 países, a pesquisa foi realizada pela Kantar e Ipsos Mori, nos 2 restantes, as pesquisas foram realizadas pela Plan International. Todas elas foram realizadas entre 9 de junho a 14 de julho. As entrevistadas foram meninas e mulheres jovens com idades entre 15 e 24 anos.

A pesquisa foi feita online pela Ipsos Mori em nove países (conforme indicado acima). Além disso, a Kantar coletou dados por meio de entrevista telefônica assistida por computador (CATI) em três países

(conforme indicado acima). Em cada país, ambas as empresas possuem um grande grupo de entrevistadas que se encaixam no grupo demográfico da pesquisa. Elas são normalmente escolhidas a partir de um grupo pré-estabelecido de entrevistadas que concordaram em ser contatadas por um serviço de pesquisa de mercado. Como as entrevistadas concordaram em fazer parte de um painel, as amostras online tendem a obter taxas de resposta mais altas do que em outros métodos, como, por exemplo, com a utilização de um banco de dados de clientes para apoiar as pesquisas. No Egito e em Gana, a Plan International coletou os dados pessoalmente. Isso foi feito com meninas já conhecidas pela Plan International a partir de sua participação em vários projetos no país em questão.¹³

TAMANHO DA AMOSTRA

No geral, 7.105 pesquisas foram feitas em 14 países.

TABELA 1: TAMANHOS DE AMOSTRAS POR PAÍS

Austrália	500	Etiópia	500	Moçambique	500	Vietnam	500
Brasil	500	França	500	Nicarágua	500	Zâmbia	500
Equador	500	Gana	500	Espanha	500		
Egito	Regular Monitoring Data	Índia	500	Estados Unidos	526		

Todas as meninas e mulheres jovens entrevistadas tinham entre 15 e 24 anos de idade e foram desagregadas nas faixas etárias de 15 a 19 e 20 a 24 anos.

ANÁLISE DE DADOS

Antes de mesclar os dados brutos coletados, os conjuntos de dados foram recodificados e rotulados para criar variáveis idênticas. A limpeza, fusão e análise de dados foram realizadas com o Stata e o Excel. A análise de dados incluiu a criação de estatísticas resumidas básicas, muitas vezes desagregadas por país, região, idade de 14 anos e limite de renda do país.¹⁵

Todas as porcentagens são arredondadas para cima quando os decimais são 0,50 ou mais e arredondados para baixo quando os decimais são menores que 0,50, portanto, os números em alguns gráficos não somarão exatamente 100%.

LIMITAÇÕES DA PESQUISA

- As amostras da pesquisa quantitativa não representam a população de meninas e mulheres jovens de 15 a 24 anos nos países específicos.
- Como a coleta de dados foi realizada remotamente, apenas meninas e mulheres jovens com acesso suficiente a dispositivos com conexão à Internet ou telefone poderiam participar como entrevistadas (com exceção de Gana e Egito), o que significa que as meninas que não têm acesso à internet ou telefone, geralmente as meninas mais vulneráveis, não foram capazes de compartilhar seus relatos sobre como o COVID-19 as afetou.
- Dividimos por região, mas a divisão regional não é representativa totalmente os continentes mencionados.
- Não podemos verificar para as pesquisas Ipsos Mori se todas as entrevistadas da pesquisa quantitativa foram de fato mulheres, pois foram feitas online. Pode ter acontecido de outros membros da família ou amigos, que não eram do sexo feminino, terem respondido à pesquisa.

Mesmo sabendo que o início da adolescência (de 10 a 14 anos) também é um período crítico na vida de uma menina, a coleta de dados foi feita com meninas e mulheres jovens entre 15 e 24 anos de idade, devido às considerações éticas da coleta de dados online com o grupo mais jovem.

3. DESCOBERTAS

Este relatório apresenta resultados de pesquisas realizadas em 14 países e estão divididos em sete seções ou tópicos. Para contextualizar os resultados da nossa pesquisa, cada seção, exceto a seção 1, começa com uma visão geral introdutória deste tópico em relação à situação de meninas e mulheres jovens e o impacto do COVID-19.

A Seção Um discute o conhecimento de meninas e mulheres jovens sobre o COVID-19 e inclui informações sobre o quanto as medidas governamentais para impedir a disseminação do COVID-19 afetaram sua vida diária e que tipo de mudanças negativas a pandemia trouxe para suas vidas. Também perguntamos se as meninas viam essas mudanças pelo viés do gênero e se achavam que a vida na pandemia COVID-19 era pior para as meninas do que para os meninos.

- A **Seção Dois** discute as experiências de educação de meninas e mulheres jovens no contexto do COVID-19, inclusive sua capacidade de acessar opções alternativas de aprendizagem e quais tipo de opções foram disponibilizadas.
- A **Seção Três** discute a saúde e os direitos sexuais e reprodutivos de meninas e mulheres jovens (SSSR), inclusive quais tipos de serviços e informações de SSSR elas podem acessar durante a pandemia.
- A **Seção Quatro** discute sobre o bem-estar das meninas. Até que ponto elas se sentiram ansiosas por causa da pandemia e quais tipos de incertezas as preocuparam?
- A **Seção Cinco** começa com uma visão geral dos efeitos econômicos sobre meninas e mulheres jovens e suas rendas durante a pandemia.
- A **Seção Seis** discute o acesso à tecnologia e se meninas e mulheres jovens acessaram mais as redes sociais durante a pandemia e quais consequências (se houver) o aumento deste uso teve em suas vidas.
- A **Seção Sete** discute sobre o futuro. As meninas veem a pandemia como algo que afeta os seus planos futuros (educação e emprego) – elas acreditam que a pandemia é uma oportunidade para construir um mundo melhor?

3.1. O CONHECIMENTO E A EXPERIÊNCIA DE MENINAS ADOLESCENTES E MULHERES JOVENS COM O COVID-19

Um panorama geral sobre o conhecimento de meninas e mulheres jovens sobre o COVID-19: como as medidas para reduzir o vírus afetaram seu dia a dia, que tipo de efeitos negativos as medidas governamentais tiveram em suas vidas e se elas percebem que isso afeta as meninas e as mulheres jovens de forma mais grave do que os meninos.

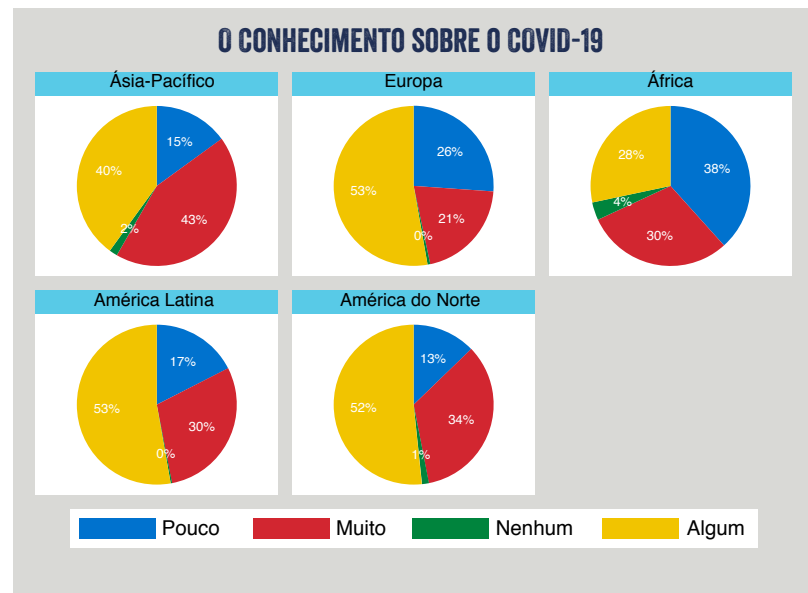


GRÁFICO 1: NÍVEL DE CONHECIMENTO SOBRE COVID-19 PERCEBIDO POR REGIÃO, N=7,097¹⁶

O CONHECIMENTO SOBRE A COVID-19

Descobertas da Pesquisa Meninas e mulheres jovens de 14 países responderam a seguinte pergunta: "quanto você acha que sabe sobre a pandemia COVID-19?" 32% das meninas disseram que sabiam muito sobre a pandemia, 41% e 25% disseram que sabiam alguma coisa ou pouco sobre a pandemia. 2% disseram que não sabiam nada sobre isso.

Ao olhar para o nível de conhecimento por região, o maior conhecimento geral autopercebido da pandemia foi na América do Norte, onde 86% das meninas e mulheres jovens relataram muito ou algum conhecimento sobre a pandemia. O conhecimento autopercebido mais baixo foi na África, onde 42% das meninas e mulheres jovens disseram ter pouco ou nenhum conhecimento sobre a pandemia. No entanto, os níveis de conhecimento poderiam corresponder ao número de casos nessas regiões, com na América do Norte, que, no momento em que a pesquisa foi realizada, apresentava um número de casos notificados maior do que a África. Isso também pode ter a ver com a fontes de informação, visto que as meninas nas áreas mais urbanas da América do Norte possuem melhor acesso à Internet.

MEDIDA DAS MUDANÇAS NO DIA A DIA E OS EFEITOS NEGATIVOS DA COVID-19

Perguntamos a meninas e mulheres jovens de 14 países o quanto as medidas governamentais em seu país afetaram suas vidas. 49% das meninas e mulheres jovens responderam que as medidas de contenção do vírus causaram uma grande mudança em suas vidas, 34% disseram que houve uma mudança moderada e 13% disseram que houve uma pequena mudança. Enquanto que 4% disseram que não viram nenhuma mudança.

Meninas e mulheres jovens na Espanha e na Índia relataram os níveis mais altos de "grandes mudanças" em suas vidas. Isso bate com os relatórios de lockdown de ambos os países. A Espanha teve o maior

número de casos relatados na Europa e rapidamente impôs uma quarentena nacional para impedir a propagação.¹⁷ A Índia também teve um dos lockdowns mais rígidos do mundo. Ambos os países pontuaram 82 (em uma escala de um a 100) no índice de rigor da Escola de Governo Blavatnik, da Universidade de Oxford, que registra a rigidez das políticas de lockdown, que restringem sobretudo o comportamento das pessoas.¹⁸ A severidade do lockdown indiano não resultou necessariamente em menos casos, com a Índia sendo a terceira no mundo, atrás dos Estados Unidos e do Brasil, com o maior número de casos registrados.¹⁹ Não é de surpreender, visto que os altos níveis de pobreza e superlotação na Índia tornam o distanciamento social praticamente impossível. Meninas e mulheres jovens na Nicarágua relataram os níveis mais baixos de mudança em suas vidas, 21% relatou nenhuma mudança e 23% relatou uma pequena mudança. Novamente, este dado bate com a resposta do governo, visto que a Nicarágua pontuou 11 no índice de rigor.²⁰ A Nicarágua foi um dos últimos países a adotar medidas governamentais rígidas para impedir a disseminação do COVID-19, incentivando seus cidadãos a levarem suas vidas diárias normais e permitindo reuniões em massa até o final de maio.

Os efeitos negativos experimentados pela maioria das meninas nos 14 países foram: não poder ir à escola ou universidade (62%), não poder encontrar as/os amigas/os (58%) e não poder sair de casa normalmente (58%). Apenas 5% das meninas e mulheres jovens responderam ‘estar em casa sem acesso à Internet’, o que não é surpreendente, já que a maioria das pesquisas (de nove países) foi realizada online e a ausência de Internet não era uma opção de resposta.²¹ Na realidade, o número de meninas e mulheres jovens nestes países que não têm acesso à Internet seria significativamente maior.

Apenas 5% das meninas e mulheres jovens pesquisadas disseram que a pandemia causou apenas efeitos

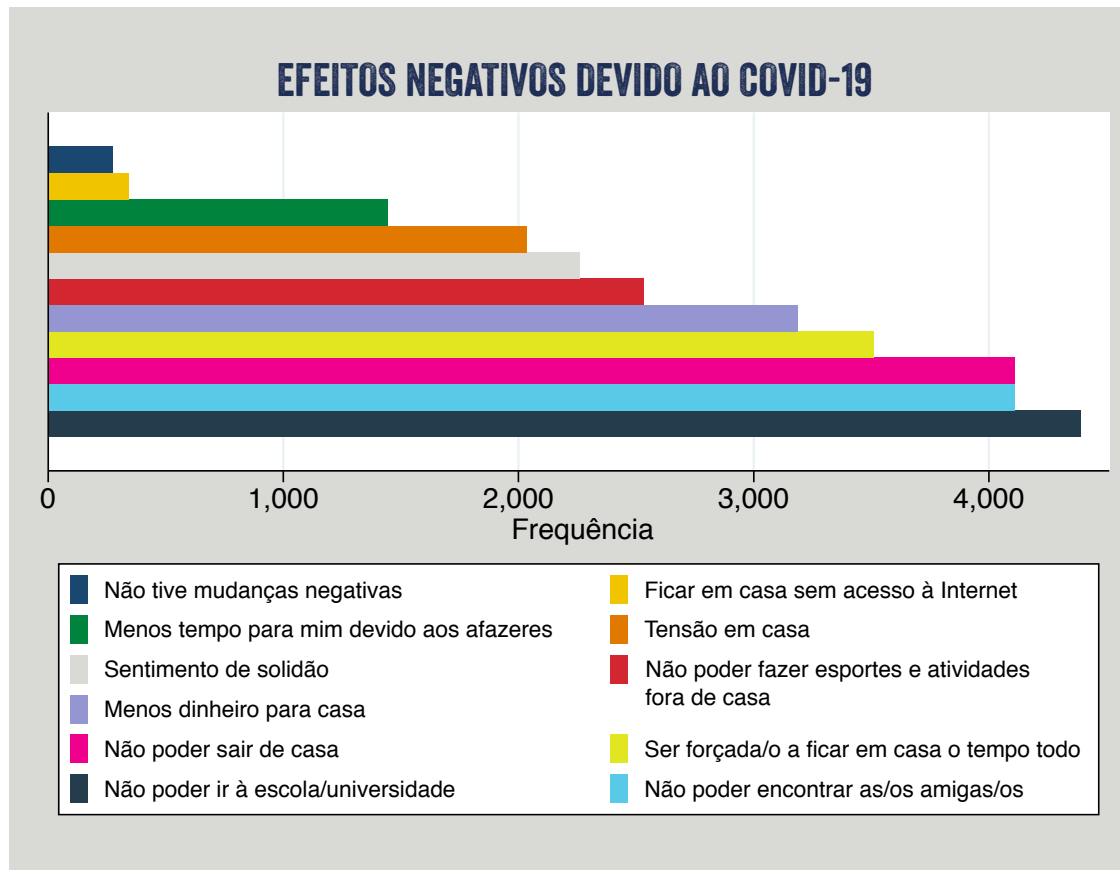


GRÁFICO 2: MEDIDA DAS MUDANÇAS NO DIA A DIA POR PAÍS, N=7,097

positivos em suas vidas: indicando que, na maioria dos casos, o COVID-19 tem sido muito prejudicial para a vida de meninas e mulheres jovens.

Nas regiões da Ásia-Pacífico, Europa e América do Norte, o efeito negativo mais citado foi não poder encontrar as/os amigas/os.²⁴ Na África, o fato de meninas e mulheres jovens não poderem ir à escola ou universidade foi o efeito negativo mais citado (20%). Enquanto isso, na América Latina, houve um consenso entre “não poder ir à escola ou universidade”, “não ser capaz de sair de casa normalmente” e “ter menos dinheiro para a casa”, 14% cada.

A coorte mais jovem de meninas e mulheres jovens teve mais problemas com o fato de não poder ir à escola ou faculdade (33%), não poder encontrar as/os amigas/os (27%) e não poder sair de casa normalmente (26%). A coorte de maior idade também sentiu os efeitos negativos de não poder sair de casa normalmente e de não poder encontrar as/os amigas/os (ambos com 31%) e de não frequentar a escola ou universidade (29%). Meninas mais velhas e mulheres jovens sentiram a preocupação com o dinheiro em casa de forma mais aguda, sendo que 27% delas citou isso em comparação com 17% do grupo mais jovem.



PERCEPÇÕES DE DIFERENÇAS BASEADAS EM GÊNERO VS. EFEITOS NEGATIVOS EXPERIMENTADOS

Quando questionadas se os efeitos negativos da pandemia foram diferentes para meninas e homens em comparação com meninas e mulheres jovens, a maioria delas, 67%, respondeu que os efeitos negativos da pandemia eram os mesmos para meninas e meninos.

Estas descobertas podem indicar que a cobertura mundial está focada principalmente nos efeitos primários do vírus. Os efeitos secundários do vírus estão apenas começando a ser destacados por governos e pela mídia. São esses efeitos secundários que provavelmente serão piores para as meninas e mulheres jovens, mas se elas estavam cientes disso, não ficou claro.

Essa percepção também é interessante na medida em que os estudos sugerem, como veremos ao longo deste relatório, que alguns dos efeitos negativos citados acima – ser forçada a ficar em casa e não poder estudar, por exemplo – têm um impacto maior sobre as meninas, afetando sua saúde mental, aumentando suas responsabilidades domésticas e tornando-as mais propensas a abandonar a escola do que os meninos.

GRÁFICO 3: NÚMERO DE MENINAS E JOVENS QUE REGISTARAM AS SEGUINTE MUDANÇAS NEGATIVAS N=7,097^{22,23}

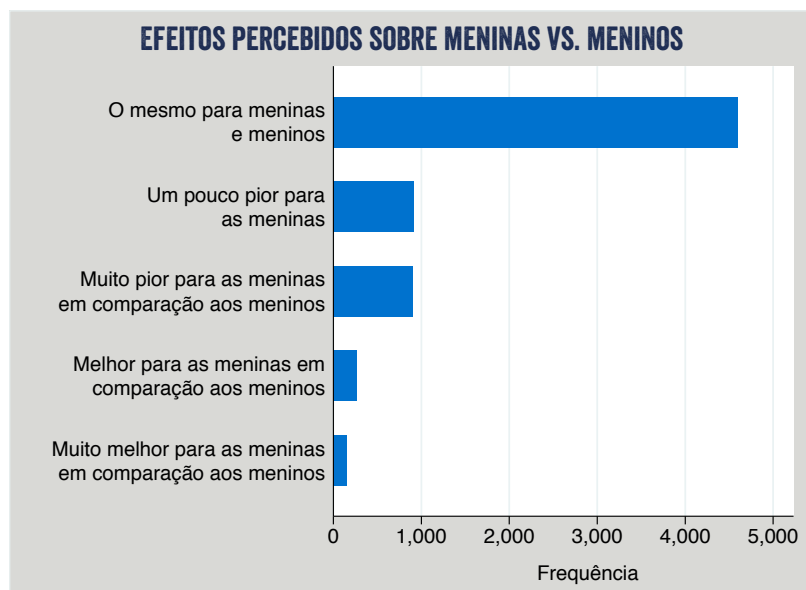


GRÁFICO 4: PERCEPÇÕES DOS EFEITOS E MENINAS VS. MENINOS, N=6,854

3.2. EXPERIÊNCIAS COM EDUCAÇÃO DURANTE A COVID-19

ILUSTRANDO O CONTEXTO

A pandemia prejudicou a educação em todas as esferas. A UNESCO estima que cerca de 10 milhões a mais de meninas em idade de escola secundária podem ficar fora da escola após a crise.²⁵ No auge dos lockdowns, havia mais de 1,5 bilhão de alunas/os afetadas/os e 194 escolas fechadas em quase toda a Europa, África, América Latina e grande parte da Ásia.²⁶ Agora, na maioria dos países, as escolas continuam fechadas até o próximo ano letivo. Até a elaboração deste artigo, 106 escolas estavam fechadas em todo o país e 1,1 bilhão de alunas/os haviam sido afetadas/os.²⁷

O impacto do fechamento de escolas pode ser sentido mais pelas pessoas mais pobres, que têm menos acesso ao ensino à distância. Muitas/os não têm acesso à Internet ou notebooks/tablets pessoais. Em termos de opções não-digitais, o acesso de rádio, os ambientes de aprendizagem seguros e de apoio e a capacidade dos pais ou responsáveis de estudar em casa também são provavelmente mais limitados do que no caso de suas/seus colegas mais ricos. Na Etiópia, apenas 2% das famílias têm acesso à TV, tirando a maioria das/os alunas/os que estudam por meio de TVs.²⁸ Na África, mais de dois terços dos países introduziram a educação à distância, mas na maioria dos países ela está disponível apenas em uma ou duas línguas principais, o que também exclui um grande número de alunas/os.²⁹

"A maior mudança foram as aulas, que foram suspensas, então estudamos de casa agora. Não temos aulas online, os professores só passam os trabalhos escolares, mas eu tenho muita dificuldade com algumas matérias, não dá pra acompanhar." Deborah, de 18 anos, Brasil.³⁰

A diferença de gênero no desempenho educacional é comum em países onde as meninas enfrentam os maiores desafios. Disparidades na re-inscrição afetam mais as famílias mais pobres e marginalizadas já que a educação se torna inacessível ou impossível devido às dificuldades econômicas, devido ao casamento forçado precoce (CEFM), ou à políticas de admissão restritivas para adolescentes visivelmente grávidas. Depois que as adolescentes abandonam a escola, fica muito difícil voltar. A perda de até seis meses de educação como resultado do COVID-19 terá um impacto proporcionalmente maior sobre as meninas em países de renda baixa e média baixa: elas podem perder 50% do total de seus anos de educação.³¹ O fechamento de escolas terá impactos de longo prazo sobre as oportunidades educacionais e econômicas para meninas e mulheres jovens.

"Meu maior medo é perder muitos trabalhos escolares ou ficar para trás. Eu não posso repetir série. Quero ser médica, por isso não posso sair da escola!" Raina, de 12 anos, Moçambique.³²

As escolas também oferecem mecanismos de proteção social importantes, como programas de alimentação escolar, programas de saúde, instalações de WASH e apoio para alunas/os com deficiência. Por exemplo, no Egito, os 5,2 milhões que dependem da merenda escolar agora estão sem ela devido ao COVID-19.³³ As meninas com deficiência ficaram particularmente vulneráveis, sem acesso a serviços de educação inclusiva e, em muitos países, as escolas também desempenham um papel significativo ao relatar preocupações com as crianças que vivem em situação de risco.

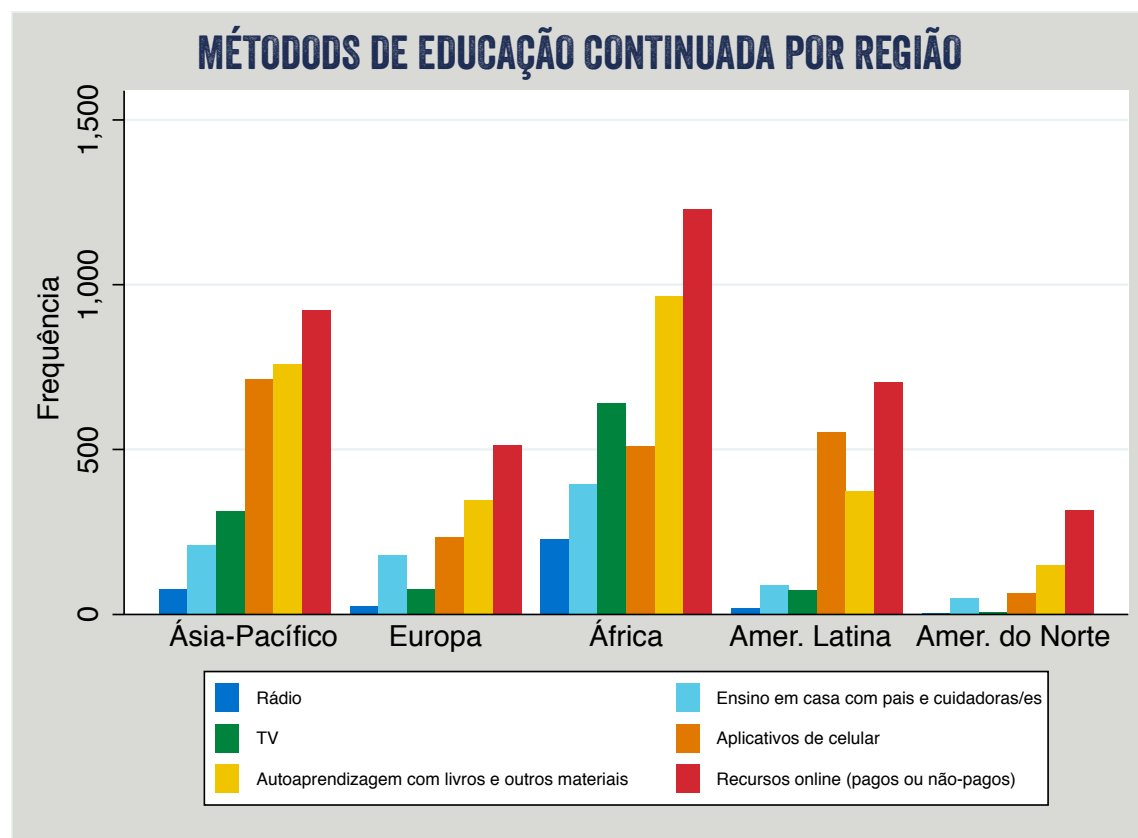
De modo geral, o fechamento de escolas deixou as crianças em maior risco de negligência, abuso, exploração e violência de gênero.

DESCOBERTAS DA PESQUISA

Das meninas e mulheres jovens que não podiam comparecer fisicamente nas instituições de ensino, a maioria das entrevistadas, 52%, conseguiu continuar estudando de casa através de recursos online, como, por exemplo, vídeos do YouTube, aulas online e sites educacionais (opções pagas e não pagas). Outras, 37%, praticaram a autoaprendizagem usando livros e outros materiais não digitais, enquanto 29% mencionaram o uso de aplicativos de celulares. A escala de uso destes três métodos alternativos de aprendizagem foi a mesma nos países de renda baixa, média-baixa, média-alta e alta, mostrando a importância das soluções digitais e da conectividade na aprendizagem autodidata em todo o mundo.

Apesar de muitas poderem estudar em casa, a falta da escola ou da universidade foi apontada como o maior impacto negativo em suas vidas, segundo as meninas e jovens entrevistadas. Uma descoberta que vem para reforçar que o papel das escolas e faculdades vai além das matérias estudadas e de provas realizadas.

GRÁFICO 5: FORMAS NAS QUAIS MENINAS E JOVENS PODEM CONTINUAR A SUA EDUCAÇÃO EM CASA, N=12,38734



3.3. A SAÚDE E OS DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS

ILUSTRANDO O CONTEXTO

Homens são mais suscetíveis ao vírus e têm maior probabilidade de morrer de COVID-19.^{35,36} Contudo, mulheres e meninas são mais afetadas pelos impactos secundários de surtos de doenças infecciosas – inclusive os efeitos do acesso reduzido a serviços de saúde e direitos sexuais e reprodutivos (SDSR), que é um grande problema de saúde pública nas epidemias.³⁷ Interrupções em serviços essenciais de SDSR e de Saúde Materna e Infantil (MNCH), como cuidados pré-natais, partos e serviços pós-natais seguros, higiene menstrual, aborto seguro e legal, contracepção, tratamentos de infecções sexualmente transmissíveis e acesso geral a informações e educação de saúde sexual têm um impacto punitivo sobre meninas e jovens.

Prevê-se que níveis significativos de abortos relacionados ao lockdown ao longo de seis meses podem deixar 47 milhões de mulheres incapazes de usar anticoncepcionais, levando a mais 7 milhões de gestações. Além disso, na próxima década, os impactos secundários do COVID-19 podem resultar em 31 milhões de novos casos de violência de gênero, mais 2 milhões de casos de mutilação genital feminina e cerca de 13 milhões de casamentos infantis a mais.³⁸

Durante o surto de Ebola, mulheres ficaram mais vulneráveis a mortes maternas, neonatais e natimortas³⁹ como resultado tanto da queda na disponibilidade de serviços de saúde pelo medo da contaminação por parte das gestantes, e de recursos sendo desviados para a resposta.⁴⁰ O surto de ebola também aumentou a gravidez indesejada entre as adolescentes. Da mesma forma, durante o surto de Zika, as mulheres se viram sem acesso de rotina aos serviços de SDSR devido aos sistemas regulatórios e às desigualdades estruturais, que não priorizam a saúde sexual e reprodutiva das mulheres.⁴¹ A organização de planejamento familiar, Marie Stopes International, estima que pode haver até 2,7 milhões de abortos inseguros como resultado da pandemia COVID-19.⁴²

Mulheres e meninas também correm maior risco de violência de gênero. O Secretário-Geral da ONU, António Guterres, apontou para o “aumento terrível da violência doméstica”⁴³ pediu que os governos colocassem a segurança das mulheres em primeiro lugar. Na França, por exemplo, os casos de violência doméstica aumentaram 30% desde o início do lockdown em março e nos Estados Unidos e na Espanha, conforme os casos de violência doméstica aumentaram, a demanda por abrigos emergenciais aumentou. Entre março e maio, datas do período mais severo de lockdown na Espanha, as ligações para serviços de emergência de violência de gênero aumentaram 61%.⁴⁴ Na América Latina, onde uma em cada três mulheres são afetadas pela violência de gênero, houve um aumento significativo nas denúncias de violência de gênero e feminicídios, desde que as medidas de lockdown foram colocadas em prática.⁴⁵ Somente no Peru, 606 meninas e 309 mulheres foram dadas como desaparecidas entre o início do lockdown, entre 16 de março e 30 de junho de 2020.⁴⁶

“Os casos de abuso e gravidez entre meninas podem aumentar, porque as restrições de quarentena farão com que seus agressores não possam sair de casa, podendo, assim, concentrar suas energias no abuso de suas vítimas”. Lixiana, de 17 anos, Nicarágua.⁴⁷

O Relator Especial da ONU sobre a Violência contra as Mulheres, corretamente, observou que, “Para muitas mulheres e crianças, o lar pode ser um lugar de medo e abuso. Essa situação piora consideravelmente em casos de isolamento, como nos lockdowns impostos durante a pandemia do COVID-19”.⁴⁸

Este é um problema que não vai desaparecer. Como o impacto econômico do vírus produz desemprego recorde, mulheres e meninas estarão cada vez mais em risco: um estudo global do Banco Mundial, em 2019, revelou que apenas um aumento de 1% no desemprego masculino exacerba a violência de gênero, com um aumento de 2.5% na violência física de parceiros íntimos contra mulheres.⁴⁹ Além disso, a pobreza pode empurrar meninas e mulheres jovens para o sexo comercial de risco, o que pode levar a mais violência, infecções sexualmente transmissíveis e gravidez indesejada.⁵⁰

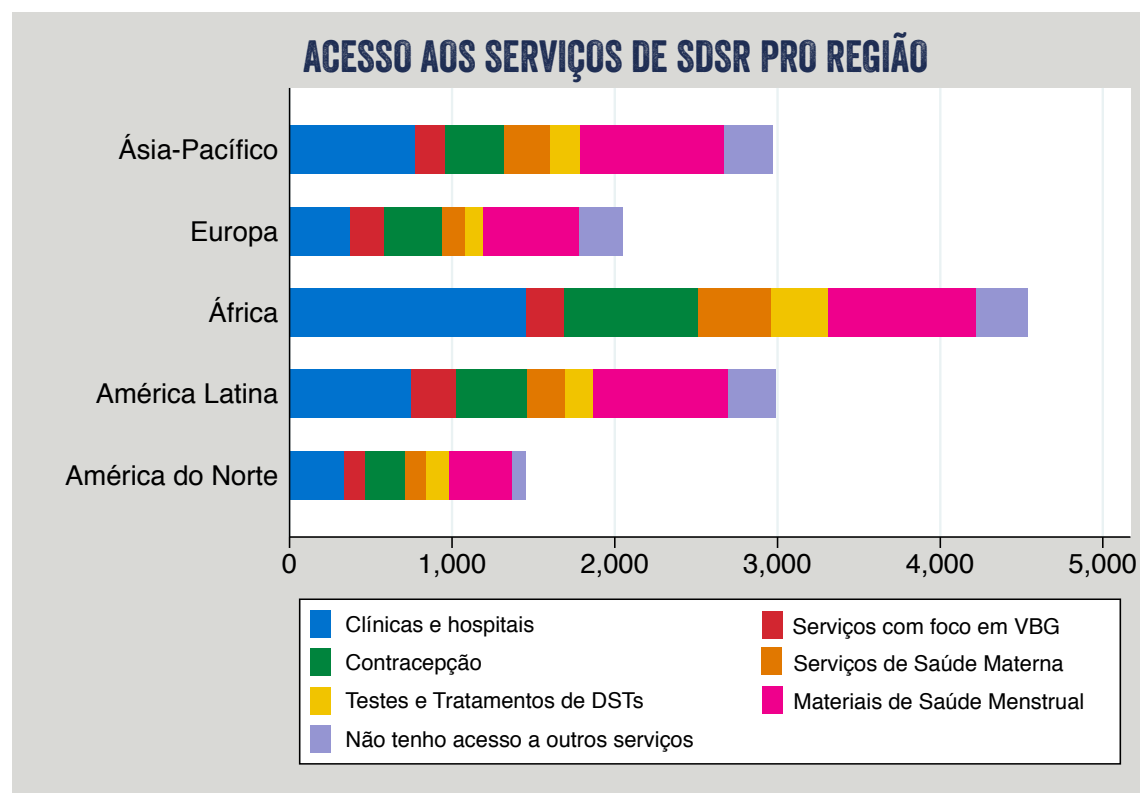
GRÁFICO 6: ACESSO A SDRS POR REGIÃO, N= 14,014^{51,52}

DESCOBERTAS DA PESQUISA

Acesso aos serviços de SDRS durante a pandemia

Mulheres jovens e meninas foram questionadas sobre quais dos seguintes serviços de SDRS – como suprimentos menstruais, ISTs, saúde materna, VBG, serviços de contracepção ou clínicas e hospitais – elas tinham acesso caso precisassem. Eles também tinham a opção de resposta "Não precisei de nenhum desses serviços". 52% das meninas e jovens disseram que tinham acesso a clínicas e hospitais (ou outras unidades de cuidados de saúde primários), seguido por suprimentos de saúde menstrual (51%) e contracepção (31%). 18% das meninas e jovens disseram que não precisavam acessar nenhum destes serviços.

Em todas as regiões (exceto na África), meninas e mulheres jovens acessaram com maior frequência os suprimentos de saúde menstrual. Na África, elas precisaram de clínicas e hospitais com maior frequência, com 32% das meninas e jovens respondendo que haviam utilizado algum tipo de unidade primária de saúde.



Fontes de informação de SDR durante o COVID-19

Meninas e jovens encontram a maior parte de suas informações sobre SDR em sites da Internet ou em redes sociais – sendo 42% de cada: o que demonstra, novamente, a vantagem do acesso à tecnologia no acesso a informações importantes. No entanto, a pesquisa não investigou a natureza dos sites da Internet ou das redes sociais utilizadas e, portanto, há o risco de que meninas e jovens possam usar fontes não confiáveis ou não credenciadas. A desinformação é especialmente prejudicial durante o COVID-19, quando há menos oportunidades para as meninas verificarem as informações de outras fontes, como nas aulas da escola e na socialização com amigas/os.

“Moro com meu irmão e meus pais, que não conversam sobre temas de saúde sexual, porque eles são muito tradicionais. Temo que, se o coronavírus não desaparecer logo, muitas meninas que crescem em famílias como a minha não terão acesso às informações úteis que obtemos nos clubes de meninas da escola.” Lucilene, de 16 anos, Moçambique.⁵³

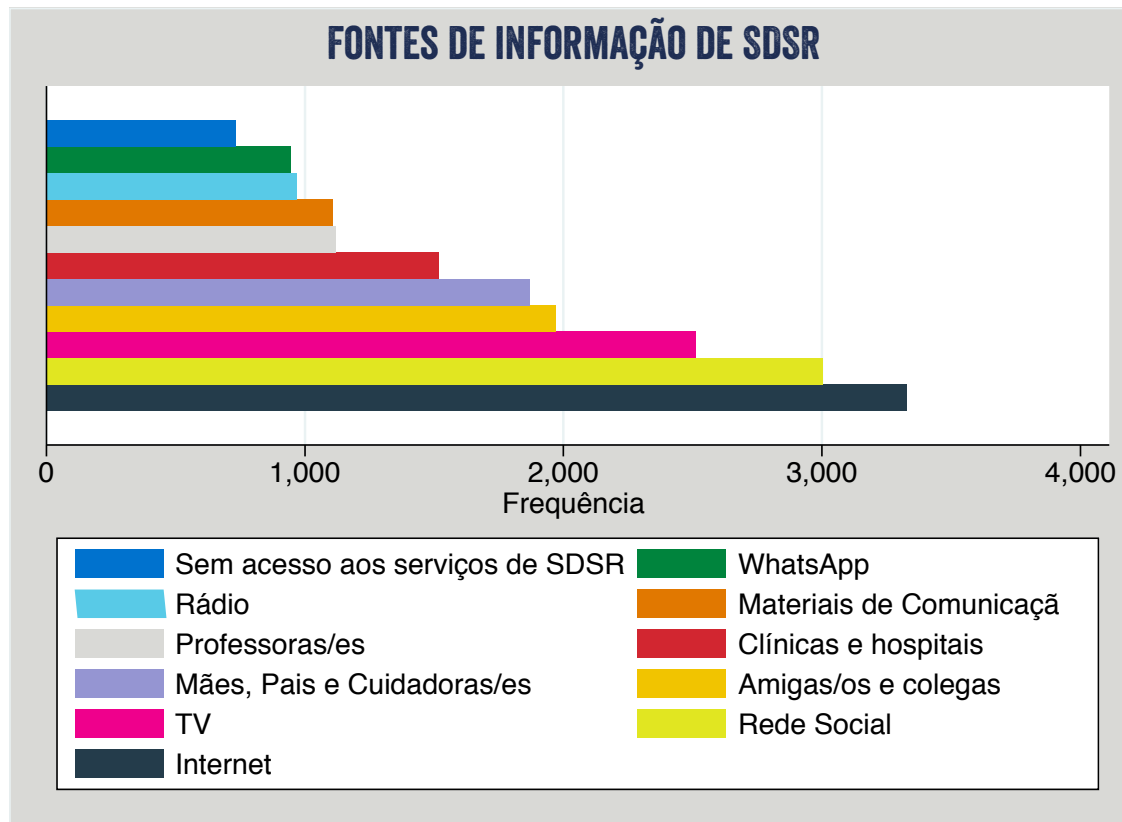


GRÁFICO 7: FONTES DE INFORMAÇÃO DE SDR DURANTE O COVID-19, N=19,071⁵⁴

3.4. O BEM ESTAR DE MENINAS E JOVENS DURANTE A PANDEMIA

ILUSTRANDO O CONTEXTO

Durante uma epidemia, o número de pessoas com a saúde mental abalada pelos impactos secundários do vírus costuma ser maior do que o número de pessoas de fato infectadas pelo vírus.⁵⁵ No começo da pandemia, o mundo foi bombardeado com notícias 24 horas por dia, com números terríveis sobre o número de mortes, a escassez de equipamentos hospitalares e de proteção e o número esperado de perdas de empregos. Conforme as pessoas entraram no lockdown, os níveis de ansiedade aumentaram tão rápido quanto as taxas de infecção.⁵⁶

Vários estudos sugerem que as pessoas podem apresentar sintomas de psicose, ansiedade, trauma, pensamentos suicidas e ataques de pânico. O COVID-19 é novo e inexplorado, e sua transmissão rápida, sua alta taxa de mortalidade, o impacto econômico do lockdown e as preocupações com o futuro podem ser as causas da ansiedade que, se não controlada, enfraquece o sistema imunológico do corpo e, conseqüentemente, aumenta o risco de contrair o vírus.⁵⁷ Na Espanha, um estudo indicou que o COVID-19 aumentou o risco de problemas mentais para 46% dos espanhóis. Houve resultados semelhantes em outros países europeus.⁵⁸

Como já dito, as redes sociais têm sido muito importantes para conectar as pessoas durante a pandemia e um dos principais canais para acessar informações atualizadas sobre o COVID-19.

As redes sociais também têm sido o canal de desinformação e fake news sobre o COVID-19, deixando as pessoas confusas e ansiosas. Um estudo recente na China encontrou uma prevalência de problemas de saúde mental, que foram positivamente associados à exposição frequente às redes sociais durante o surto do COVID-19.⁵⁹

Pessoas que já passaram por epidemias comentaram sobre o aumento

da ansiedade da população no geral em tempos de emergência.⁶⁰

O medo dos danos causados pelo próprio vírus, juntamente com as implicações para outras esferas sociais, como família, educação, trabalho e interação social, podem ter efeitos de longo alcance. Há um aumento natural da ansiedade devido à pandemia, mas quando isso se soma com longos períodos de isolamento social, pode ter um grande impacto emocional e mental, especialmente para aquelas/es com problemas de saúde mental subjacentes. Este é o caso de jovens LGBTQI+, que já estão em maior risco de problemas de saúde mental, e muitos de seus sistemas de apoio agora ficaram indisponíveis ou inacessíveis. Desde o início do COVID-19, o número de jovens que procuram a Trevor Project, a maior organização mundial de prevenção de suicídio e intervenção em crises para jovens LGBTQI+, aumentou significativamente – às vezes até o dobro do normal.⁶¹ O COVID-19, que tem minado o bem-estar da sociedade como um todo e pressionado os serviços relacionados à saúde mental, que já lutam, também expôs as rachaduras na abordagem de muitos países no que diz respeito à saúde mental.⁶²

Ainda não temos dados sobre as taxas de suicídio e se elas aumentaram durante a pandemia. No entanto, em surtos de doenças anteriores ou desastres naturais, as/os pesquisadoras/es não encontraram fortes evidências de uma correlação com suicídios. Por outro lado, as evidências apontam fortemente para dificuldades econômicas. A perda de empregos, que deverá ser grande na maioria dos países pelos próximos meses, pode desencadear estresse econômico e ansiedade: a taxa de suicídio nos Estados Unidos praticamente dobrou entre a maioria dos grupos de idade após a crise econômica de 2008.⁶³

DESCOBERTAS DA PESQUISA

Níveis de ansiedade durante a pandemia do COVID-19

Nos 14 países pesquisados, fica evidente que a maioria das meninas e jovens teve altos níveis de ansiedade como resultado da crise. Das meninas e jovens entrevistadas, 88% experimentaram alguns níveis de ansiedade variando entre níveis altos e moderados. Apenas 12% das entrevistadas relataram não estar ansiosas.

Mais de 90% das meninas e jovens no Brasil, Egito, Gana e Vietnã disseram estar "muito" ou "um pouco ansiosas". Zâmbia, Estados Unidos e Austrália tiveram níveis mais baixos de meninas e jovens que afirmaram que não estavam nem um pouco ansiosas, 29%, 25% e 21%, respectivamente.

Houve relação entre a renda e os níveis de ansiedade. Meninas e jovens em países de renda alta e média-alta apresentaram níveis mais baixos de ansiedade do que meninas e mulheres jovens em países de renda média-baixa e baixa. As explicações para isso podem estar relacionadas aos sistemas de saúde mais fracos e a uma proteção social menor em países de renda baixa e média-baixa, o que, por sua vez, leva as meninas e jovens destes países a se preocupar mais com a possibilidade de um membro da família ou elas mesmas contraírem o COVID-19. A insegurança financeira por si só pode aumentar os níveis de ansiedade.

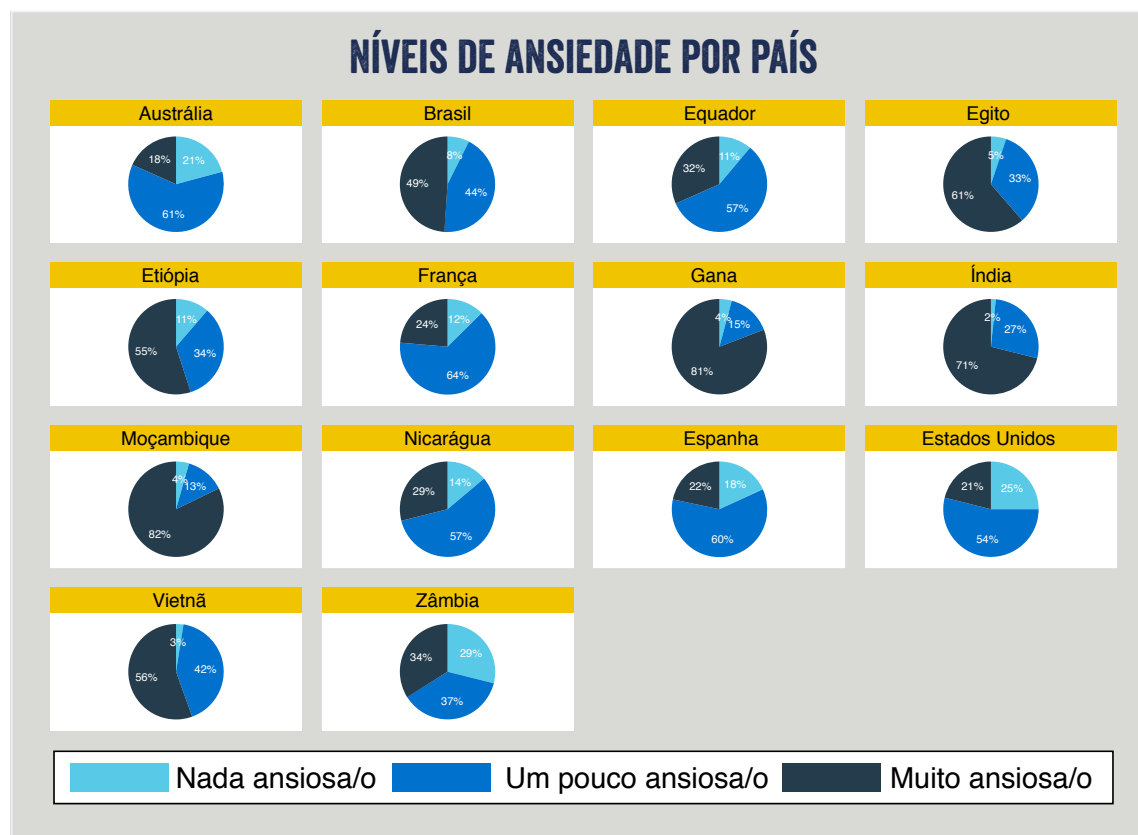


GRÁFICO 8: NÍVEIS DE ANSIEDADE POR PAÍS N=7,095

NÍVEIS DE ANSIEDADE DEVIDO À FALTA DE RENDA

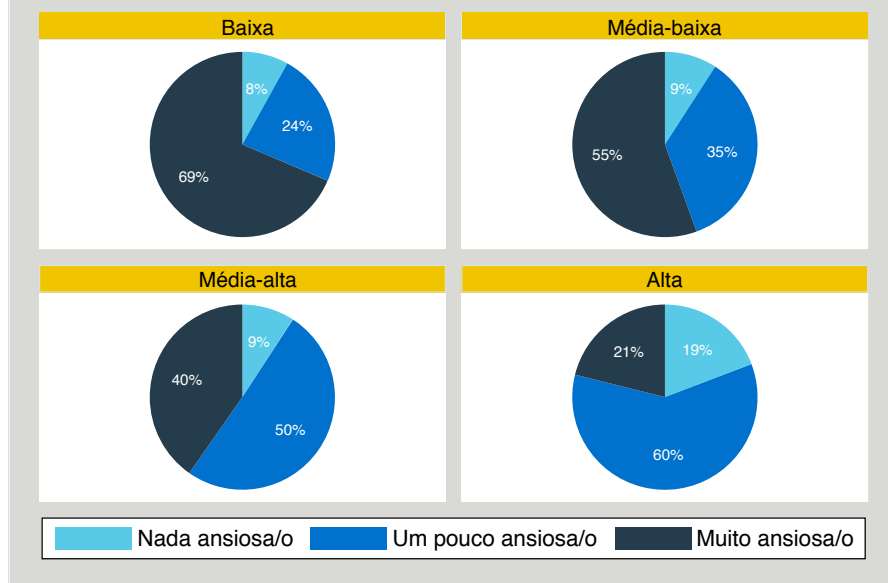


GRÁFICO 9: NÍVEIS DE ANSIEDADE DEVIDO À FALTA DE RENDA, N=7,09564

Motivos de ansiedade entre meninas e mulheres jovens

No geral, o principal motivo citado para a ansiedade entre meninas e jovens nos 14 países foi o medo de que sua família ou amigos adocessem com o vírus (40%), em seguida de adoecerem com o vírus (33%) e que a família passasse a ter menos dinheiro do que antes (26%). Estas foram as respostas mais comuns na Ásia-Pacífico, África e América Latina.

“Tenho tanto medo e preocupação com essa situação. Minha preocupação é evitar que o coronavírus afete a mim e minha família. Além disso, por causa desse vírus, fico em casa o dia todo. Eu não gosto de ficar aqui, porque sou a única que faz todo o trabalho doméstico de manhã até a noite.” Emma, de 14 anos, Gana.⁶⁵

Na América do Norte, o terceiro motivo mais apontado foi a preocupação com “a resposta do governo ao vírus e como esta resposta pode me afetar”. É importante notar que os Estados Unidos têm o maior número de casos e a maior taxa de mortalidade do mundo.⁶⁶ Na Europa, o maior medo era que a família ou amigos adocessem com o vírus, seguido pela incerteza quanto à escolaridade e como isso poderia afetar o aprendizado e os planos futuros.

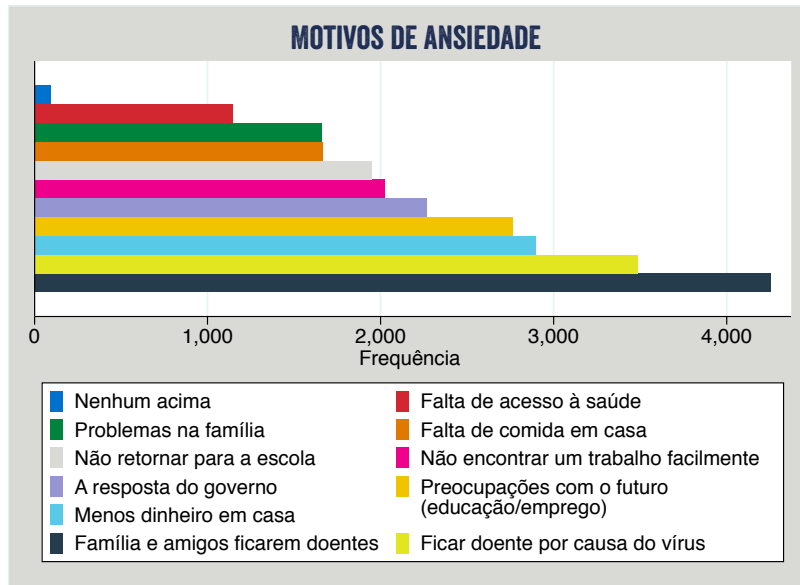


GRÁFICO 10: MOTIVOS DE ANSIEDADE, N=10,07967

3.5. ACESSO À RENDA

ILUSTRANDO O CONTEXTO

Um vírus contagioso exige que os países fechem grande parte de sua atividade econômica para diminuir as transmissões localmente. Como resultado, o mundo estaria entrando em uma recessão econômica mais profunda do que a crise financeira de 2008.⁶⁸ As piores previsões estimam um total de U\$ 2,7 trilhões em perda de produção e crescimento global zero em 2020.⁶⁹

Isso terá um forte impacto sobre os mais vulneráveis. Já há uma divisão de riqueza em muitos países. Trabalhadores de escritório de colarinho branco com instrução são capazes de trabalhar em casa e

em grande parte se protegerem do vírus, enquanto os trabalhadores de baixa renda e menos educados estão em empregos de linha de frente, o que torna o distanciamento social muito difícil ou até impossível. Em alguns países, por exemplo, nos Estados Unidos e no Reino Unido, as desigualdades sociais de longa data colocaram as comunidades de etnia negra, asiática e de minorias étnicas em maior risco de adoecer ou morrer por causa do COVID-19.^{70,71} Um estudo de 2020⁷² utilizando os dados de pesquisa em tempo real coletados no Reino Unido, Estados Unidos e Alemanha, descobriu que trabalhadoras/es que não podem trabalhar de casa estavam mais propensas/os a perder seus empregos ou ter rendimentos reduzidos, e que as/os menos educadas/os e as mulheres são mais afetadas/os.

“Quando o Presidente declarou estado de emergência, eu entrei em pânico. Nos disseram que, para evitar a infecção, devemos ficar em casa e não ir à escola ou ao trabalho. Isso deixa tudo muito difícil pra mim, porque eu conto com pequenos trabalhos por aqui, é assim que eu sustento a minha família.” Deolinda, de 19 anos, Moçambique.⁷³

A pandemia do COVID-19 levou a um aumento global de desemprego.⁷⁴ Historicamente, em crises econômicas anteriores, os setores dominados por homens foram os mais atingidos, como os de manufatura e construção, contudo, desta vez, o COVID-19 atingiu mais os setores dominados por mulheres, especialmente os de serviços – de turismo, de saúde e de varejo. Uma nova pesquisa nacional sobre mão de obra e dados econômicos sugerem que trabalhadoras/es em países de baixa e média renda, principalmente nos setores informais, foram mais afetadas/os do que em crises anteriores.⁷⁵ Nestes países, a diferença de gênero na proporção de trabalhadoras/es informais em setores duramente atingidos é muito maior, visto que 42% das mulheres trabalham informalmente desde o início da crise em relação aos 32% dos homens.⁷⁶

Globalmente, quase 510 milhões, 40% de todas as mulheres empregadas, trabalham em setores duramente atingidos, em comparação com uma parcela de 36,6% dos homens empregados.⁷⁷ Pesquisas em andamento nos Estados Unidos indicam um aumento de 0,9% na taxa de desemprego para mulheres e 0,7% para homens.⁷⁸ A pesquisa do Citibank estima que há 220 milhões de mulheres no mundo potencialmente suscetíveis aos cortes de empregos.⁷⁹

Por meio de dados focados em resultados femininos durante o COVID-19, a Universidade de Oxford constatou que a porcentagem de mortes femininas devido ao COVID-19 é maior em países onde as mulheres representam uma parcela maior da mão de obra em tempo integral.⁸⁰ Sendo assim, a participação feminina nas taxas de morte por COVID-19 aumenta para aquelas que estão sujeitas a maiores riscos de saúde ocupacional e maior exposição ao vírus.⁸¹

Apesar do fato de as mulheres frequentemente estarem na linha de frente atuando como profissionais de saúde essenciais, uma pesquisa na Espanha descobriu que, durante o lockdown, as mulheres estavam mais propensas a serem dispensadas, desempregadas ou colocadas para trabalhar de casa.⁸² O mesmo estudo constatou que, embora "os homens estivessem participando um pouco mais das tarefas domésticas e no cuidado dos filhos, a maior parte da carga recaía sobre as mulheres, que já faziam a maior parte das tarefas domésticas antes do lockdown". Em contextos de desastre, o fardo dos cuidados é feminilizado e as mulheres e meninas arcam com a maior parte dos cuidados e do trabalho doméstico. A Oxfam,^{83,84} constatou que 44-55% das mulheres entrevistadas agora estão passando mais tempo em tarefas não-remuneradas e em trabalhos domésticos como resultado das medidas de contenção do COVID-19. Uma pesquisa realizada com 2.200 adultas/os em abril nos Estados Unidos, revelou que, embora pais e mães estivessem fazendo mais tarefas domésticas durante o lockdown, o peso das tarefas ainda não estava sendo dividido igualmente.⁸⁵ Outro estudo sobre responsabilidades de cuidado durante o surto em comunidades rurais e de baixa renda revelou que mulheres gastavam até 14 horas por dia realizando trabalhos de cuidados não-remunerados e também eram as meninas e não os meninos que substituíam as atividades de cuidados não-remuneradas que costumavam ser realizadas pelas mães.⁸⁶

Grande parte da desigualdade de gênero é causada pela divisão desigual de tarefas dentro da família. Em uma nota mais positiva, a medida em que os homens assumem mais responsabilidades de cuidados durante a pandemia, isso pode provocar mudanças nas normas sociais, visto que se torna menos fácil para os homens que trabalham em casa ignorar as demandas da vida doméstica.⁸⁷

DESCOBERTAS DA PESQUISA

Acesso à renda

A maioria das meninas e jovens entrevistadas não tinha renda própria: 37% acessavam a renda através de outro membro da família, 31% estavam desempregadas e sem acesso a renda e 20% estavam trabalhando no momento da pesquisa. As meninas da Ásia-Pacífico e da América do Norte são as que mais obtêm renda trabalhando. As meninas e jovens da África e da América Latina são as que correm o maior risco de ficar desempregadas sem acesso a renda (com 39% e 34%). Uma pequena minoria – 13% – obtêm a renda através de auxílios do governo, de bolsas escolares ou do apoio de amigos ou familiares fora de casa.

Como já discutimos, em países de renda baixa e média-baixa, há mais mulheres do que homens trabalhando no setor informal.⁸⁸ São esses trabalhos, que muitas vezes envolvem interação social em indústrias de serviços, que vão desde o comércio de varejo a trabalhos de escritório e salões de beleza, que têm sido as primeiras vítimas do COVID-19. Também foi estimado que o COVID-19 poderia levar quase meio bilhão de pessoas à pobreza. O pior retrocesso em 30 anos.⁸⁹

Com isso em mente, é alarmante que 31% das meninas e mulheres jovens entrevistadas não tivessem acesso a nenhuma renda, embora não seja algo surpreendente. Isso também mostra que as medidas governamentais nem sempre alcançam os mais vulneráveis e precisam ser mais bem direcionadas para aliviar a pobreza extrema, que geralmente é feminina: mulheres e meninas geralmente ganham menos, economizam menos e vivem mais perto da linha de pobreza.⁹⁰

TABELA 2: PORCENTAGEM DE MENINAS E JOVENS, QUE TIVERAM ACESSO A RENDA, N=7,090

Acesso à renda	% de meninas e mulheres jovens
Outro membro da minha casa está obtendo renda	37%
Desempregada sem renda	31%
Acessando auxílios governamentais	5%
Acesso à renda de outras fontes (bolsas escolares / amigos ou família fora de casa)	8%
Estou trabalhando	20%

3.6. ACESSO À TECNOLOGIA

ILUSTRANDO O CONTEXTO

Como podemos ver nos resultados da pesquisa sobre as experiências de educação de meninas e mulheres jovens, o acesso à tecnologia é uma necessidade na era COVID-19. A tecnologia hoje é fundamental para acessar informações e serviços e uma das principais maneiras de continuar a educação conforme as aulas e os recursos foram precisando migrar para o modo online. No entanto, o papel da tecnologia vai além da educação: durante o auge dos lockdowns em todo o país, ela também foi o principal meio de manter a interação social, embora quase metade da população mundial não tenha acesso à internet.⁹¹ O Fórum Econômico Mundial observa que bilhões de pessoas estão online para manter contato durante a pandemia COVID-19, apesar disso, menos de 1 a cada 5 pessoas em países de baixa renda está tendo acesso à Internet.⁹² Além disso, as taxas de acesso à Internet são maiores para homens e meninos do que para mulheres e meninas em todas as regiões do mundo hoje em dia.⁹³ Em 2018, os homens tinham 24,8% mais chances de ter acesso à internet.⁹⁴ Os meninos têm 1,5x mais chances de ter um celular do que as meninas e 1,8x mais chances de ter um smartphone em países de renda média e baixa.⁹⁵

As desigualdades digitais já eram altas entre meninas, mulheres e outros grupos marginalizados antes do COVID-19, mas como a pandemia fez com que grande parte do dia a dia se tornasse online, estas desigualdades aumentaram dramaticamente. A atual interrupção da vida diária significa uma maior dependência da tecnologia e estar do lado certo da divisão digital do desenvolvimento global é algo fundamental. O COVID-19 acelerou significativamente a digitalização em todos os setores – escolas e instituições mudaram suas aulas para o modo online e muitos escritórios entraram em regime de home office. Isso traz sérias vantagens para as pessoas que possuem acesso digital: elas podem trabalhar de casa e têm maior probabilidade de permanecer empregadas, têm menos exposição a espaços públicos

e estão menos suscetíveis ao vírus, tendo também melhor acesso à informação e sendo, portanto, mais capazes de entender e aplicar as medidas de proteção recomendadas.

DESCOBERTAS DA PESQUISA

O aumento do uso de redes sociais durante a pandemia

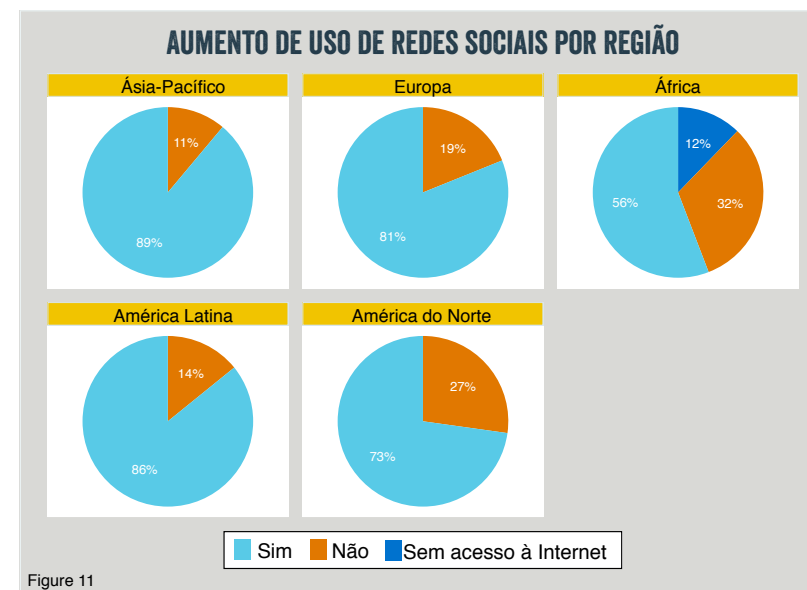


GRÁFICO 11: AUMENTO DO USO DE REDES SOCIAIS POR REGIÃO 98, N=6,77

“Temos um grupo no WhatsApp, nos falamos, compartilhamos coisas, conversamos sobre como nos sentimos, se vamos continuar indo às aulas e a maioria diz que não vai, porque o principal é a família.” Lixiana, de 17 anos, Nicarágua.⁹⁶

Perguntamos a meninas e jovens dos 14 países incluídos na pesquisa se o uso de redes sociais aumentou desde o início da pandemia. No geral, 74% delas disseram que o uso de redes sociais aumentou. Os maiores níveis de aumento ocorreram na Ásia-Pacífico (89%) e na América Latina (86%). Na região da África, 12% das meninas e jovens não tinham acesso à Internet.⁹⁷

As meninas e jovens também foram questionadas sobre as consequências de um uso maior das redes sociais. No geral, 59% das respostas indicaram impactos negativos. As experiências mais comuns incluíram passar muito tempo online (41%), ver mais “fake news” (34%) e sentir-se mais estressada e oprimida pela quantidade de notícias sobre o vírus nas redes sociais (28%). Os impactos positivos mais comumente experimentados incluíram conectar-se mais com amigos e familiares (30%), aprender mais (27%) e uma minoria, 11%, relatou que as pessoas estão mais gentis nas redes sociais agora.

Enquanto meninas e jovens na Ásia-Pacífico, América Latina e Europa relataram quantidades iguais de efeitos positivos e negativos do aumento do uso de redes sociais, as meninas e jovens da África (71%) e da América do Norte (69%) relataram bem mais efeitos negativos.

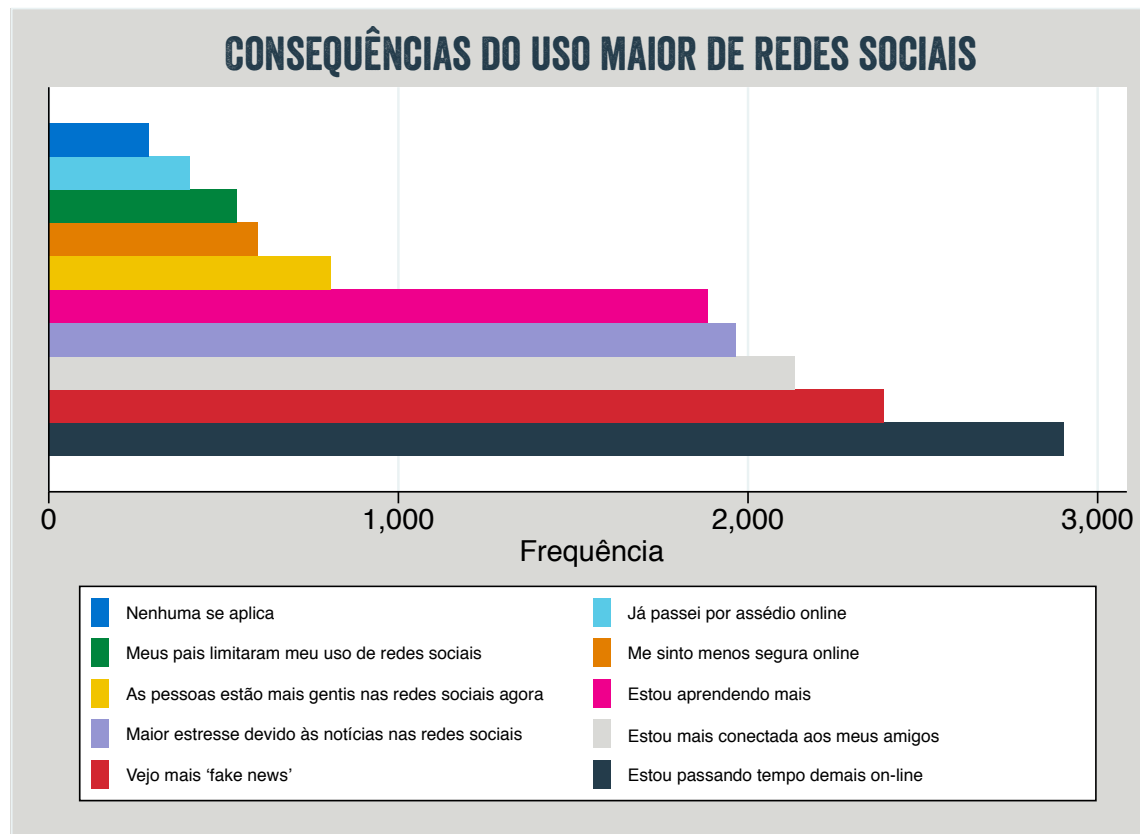


GRÁFICO 12: CONSEQUÊNCIAS DO USO MAIOR DE REDES SOCIAIS

3.7. O FUTURO

ILUSTRANDO O CONTEXTO

O futuro é incerto. Podemos ter que aprender a conviver com o COVID-19, em vez de esperar supera-lo. A insegurança econômica terá um impacto global, empurrando partes da África Subsaariana para sua primeira recessão em 25 anos, inclusive a Índia também registrou sua menor taxa de crescimento econômico nas últimas três décadas.⁹⁹ O crescente encargo financeiro enfrentado por todos os países coloca os progressos dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável em risco, já que os orçamentos de ajuda humanitária estão sob forte pressão.¹⁰⁰ O aumento da pobreza terá, como sempre, um impacto prejudicial na vida de meninas e mulheres.¹⁰¹ À medida que o vírus perdura, a tendência da educação digital continuará com o aprendizado combinado: uma mistura de ensino presencial e online, sendo este o novo normal.¹⁰² Existem oportunidades aqui, como acontece com novos desenvolvimentos curriculares, mas não para o grande número de meninas estudantes, que enfrentam problemas sérios de conectividade. Para muitos, será tarde demais, pois, enfrentando a pobreza e sem a capacidade de se alimentar, os mecanismos de enfrentamento da família irão implicar casamentos para as meninas, que, em vez de estudarem mais, assumirão um fardo doméstico maior enquanto seus pais estarão correndo atrás de trabalho.¹⁰³

Há motivos para otimismo e muitas vezes prevendo um mundo melhor e a oportunidade de reconstruir melhor: “Historicamente, as pandemias forçaram os humanos a romper com o passado e imaginar um novo mundo. Esta não é diferente. É um portal, uma passagem entre um mundo e outro.”¹⁰⁴ A oportunidade de solidariedade global diante de uma pandemia global existe. Há apelos para que uma vacina popular seja disponibilizada para todas/os, para que ações sejam renovadas no que se refere à emergência climática, para as consultas com as/os jovens cujo futuro depende da resposta da comunidade internacional à situação atual e para que os direitos das crianças sejam o coração desta recuperação.¹⁰⁵

Esta seção explora as percepções de meninas e jovens sobre o futuro, tanto de uma perspectiva pessoal, em relação aos seus planos futuros,

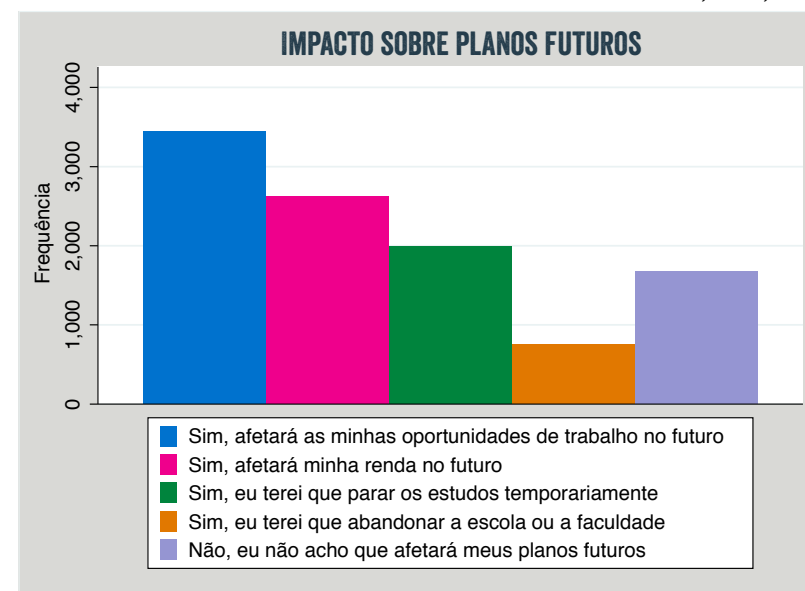
quanto de uma perspectiva mais ampla: o COVID-19 criará uma oportunidade para reconstruir um mundo melhor?

DESCOBERTAS DA PESQUISA

Implicações para o futuro

Meninas e mulheres jovens foram questionadas se achavam que a pandemia do COVID-19 afetaria seus planos futuros. A maioria, 33%, disse que ela afetaria suas futuras oportunidades de emprego, 25% disseram que ela afetaria sua renda futura e 19% responderam que teriam que parar de estudar temporariamente.

GRÁFICO 13: COMO A PANDEMIA AFETARÁ OS PLANOS FUTUROS, N=10,943¹⁰⁶



IMPACTO SOBRE PLANOS FUTUROS POR REGIÃO

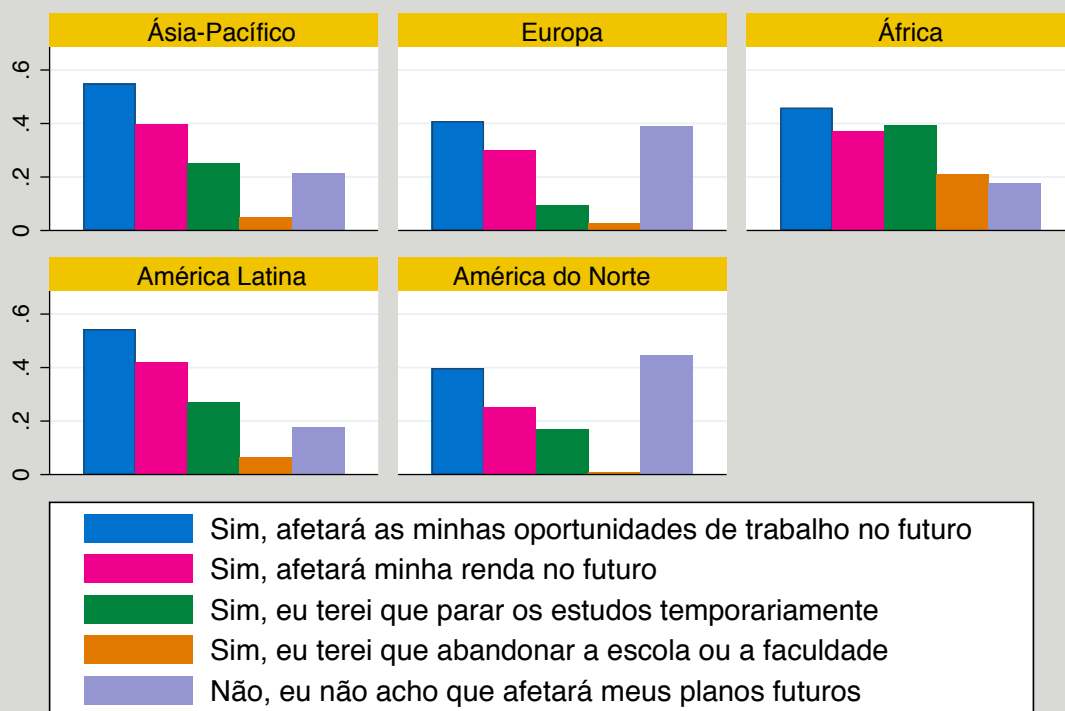


GRÁFICO 14: COMO A PANDEMIA AFETARÁ OS PLANOS FUTUROS, POR REGIÃO, N=10,943107

Ao revisar a divisão regional, a América do Norte foi a única região onde a resposta mais frequente foi que o COVID-19 não teria efeito em sobre os planos futuros (35%). Todas as outras regiões citaram com maior frequência que ele afetaria suas oportunidades de emprego futuras, seguidas por renda futura, exceto na África, onde ter que parar de estudar temporariamente foi a segunda resposta mais comum entre as participantes.

Perspectiva de um mundo melhor

Perguntamos às meninas e jovens o quanto elas concordariam ou discordariam da seguinte declaração: “Acredito que a pandemia nos dará a oportunidade de criar um mundo melhor”.

No geral, as respostas foram variadas: concordo (29%) não concordo, nem discordo (25%) e discordo (21%). Analisado por região, Ásia-Pacífico e América Latina foram os mais otimistas sobre o mundo pós COVID-19, enquanto que na África, houve mais meninas e jovens que discordaram ou que discordaram totalmente da afirmação (34% e 12%, respectivamente). É possível que estas descobertas também se devam a circunstâncias pessoais individuais.

Região	Concordo fortemente	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo fortemente
Ásia-Pacífico	22%	34%	25%	13%	5%
Europa	10%	26%	36%	20%	9%
África	14%	29%	10%	34%	12%
América Latina	22%	29%	37%	8%	4%
América do Norte	5%	28%	42%	17%	8%

TABELA 3:
PERSPECTIVA DE UM
MUNDO MELHOR,
POR REGIÃO, N=7,098

4. CONCLUSÃO

Desde a criação dos Objetivo de Desenvolvimento do Milênio, em 2000, seguidos quinze anos depois pelos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, algumas conquistas foram alcançadas para meninas e mulheres jovens. A matrícula das meninas nas escolas e seu acesso à educação melhoraram de forma geral; o casamento infantil diminuiu, assim como as taxas de mortalidade materna. Embora tenha havido pouca mudança em qualquer lugar do mundo em termos de distribuição nas tarefas domésticas, a participação das mulheres no mercado de trabalho aumentou. Esta influência financeira ajudou a elevar o status de meninas e jovens. Houve alguns esforços, embora não totalmente bem-sucedidos, no combate da violência de gênero. E, em todo o mundo, ativistas fazem campanhas pelos direitos das meninas e jovens, que lutam para serem ouvidas. Muito deste progresso, inclusive a participação no mercado de trabalho (as mulheres perdem mais empregos do que os homens),¹⁰⁸ estão em risco devido ao COVID-19.

É significativo que, apesar do famoso otimismo das jovens, as meninas e jovens entrevistadas neste relatório reconhecem que, após o COVID-19, sua educação, perspectivas de emprego e situação econômica futuras estão ameaçadas. Depois que as meninas abandonam a escola, fica difícil elas voltarem. As famílias que começaram a perceber o valor da educação das meninas serão forçadas a ponderar a pobreza ao tomar decisões para elas que envolvam casamento precoce em vez de estudos. Sabemos que o fardo das tarefas domésticas pesará muito e que a depressão e a ansiedade, durante o COVID-19, atingiram com mais força meninas e mulheres.¹⁰⁹ As famílias ficaram tensas e a VBG aumentou em todos os lugares.¹¹⁰

Dizem que “estamos todas/os juntas/os nisso”, mas por trás dessa união está a desigualdade. A pobreza coloca milhões de pessoas em

risco maior. Mulheres e meninas suportam uma carga econômica e emocional maior e trabalham mais.

A mensagem das meninas entrevistadas sobre os impactos negativos do COVID-19 em suas vidas foi sombrio. Houve tensões em casa, elas se sentiram sozinhas, sentiram falta da escola, da faculdade, das/os amigas/os e da liberdade de sair por aí. Todos esses são componentes fundamentais para o desenvolvimento acadêmico, social e pessoal de uma pessoa jovem: fundamental para a saúde, para o bem-estar e para o futuro. Vai ser muito difícil recuperar este tempo perdido. A exclusão digital significa que as meninas, sobretudo de países de baixa renda, têm dificuldade de acessar as informações que precisam para sua educação e saúde. As oportunidades pelas quais tanto lutamos estão desaparecendo.

“Estou pensando em abandonar a escola... Umam amigas minhas sugeriram sites para me ajudar nos estudos, mas não tive nenhum resultado e nem sempre tenho bom acesso à Internet. A verdade é que também estou muito desanimada. Eu não acho que sou a única que se sente assim.” Deborah, de 18 anos, Brasil.111

Com determinação, há um caminho melhor a seguir e muito que governos e formuladores de políticas podem fazer para avançar na agenda de igualdade de gênero em um mundo pós-COVID-19. O fardo desigual depositado sobre meninas e mulheres nesta pandemia deve ser reconhecido e o progresso feito por meio dos esforços determinados de tantas pessoas, seguindo os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Os esforços e sonhos de mulheres jovens, como Lixiana, devem continuar sendo apoiados.

"Meus sonhos não mudaram. O que mudou é o tempo que tenho para alcança-los. Por causa do COVID-19, tive que parar de ir às aulas e, como era meu primeiro ano de universidade, realmente tinha muitas coisas que eu queria fazer, tipo aprender inglês e contabilidade – coisas que vão atrasar agora. Mas eu tenho em mente que ainda vou fazer estas coisas." Lixiana, de 17 anos, Nicarágua.112

5. RECOMENDAÇÕES

As autoridades em todos os lugares devem:

- Priorizar uma recuperação justa do COVID-19, uma vez que o vírus esteja sob controle, que atenda aos mais necessitados. A transição para um futuro mais sustentável, consciente e com igualdade de gênero deve focar em particular em meninas e jovens em toda a sua diversidade, e deve incluir apoio direcionado para suas famílias e comunidades. Isso deve estar no centro de todas as estratégias de resposta de governos, instituições globais e regionais e com recursos adequados.

As autoridades globais, regionais e nacionais devem:

- Reconhecer ao planejar e implementar medidas para se preparar e responder ao surto COVID-19 de que os surtos de doenças afetam meninas e meninos, mulheres e homens de formas diferentes. Elas devem garantir que as políticas e intervenções sejam equitativas, transformadoras de gênero, protetoras dos direitos humanos, inclusivas para as pessoas mais pobres e vulneráveis da sociedade, e responsivas às diferentes necessidades e riscos enfrentados pelas pessoas.
- Promover e garantir o envolvimento de meninas e mulheres, assim como de suas comunidades mais amplas – incluindo líderes locais, famílias e cuidadoras/es – de modo que eles façam parte da resposta e das soluções para proteger vidas, prevenir a propagação do vírus e planejar o futuro.

As necessidades e direitos de meninas e jovens, sobretudo aquelas que vivem em comunidades marginalizadas, inclusive refugiadas e migrantes, e aquelas com deficiência, que podem ser mais afetadas ainda pelos impactos secundários do surto, correm o risco de serem ignoradas.

Os governos nacionais devem:

- Garantir que todas as famílias tenham uma renda adequada e necessidades básicas, inclusive alimentos e medicamentos essenciais. Isso pode envolver o rápido desenvolvimento dos sistemas de proteção social existentes (de dinheiro, alimentos e outras transferências), além do apoio humanitário e do trabalho em conjunto com organizações de ajuda internacional. Todas as formas de assistência devem ser direcionadas adequadamente para aquelas/es que mais precisam, para países com recursos econômicos limitados, sistemas nacionais de saúde fracos, insegurança alimentar e que enfrentam crises humanitárias e climáticas.
- Tomar medidas robustas de salvaguarda por todas as crianças e, sobretudo, para proteger as meninas e jovens da VBG. As medidas de quarentena impostas como resposta ao surto de COVID-19 estão, em alguns casos, colocando meninas e jovens em alto risco de violência em casa e as privando de serviços

essenciais de proteção e redes sociais. Os serviços de proteção e bem-estar social devem ser adequadamente financiados e adaptados quando necessário, isso inclui a mudança para formas remotas de serviço. Os mecanismos de denúncia de violência de gênero devem estar em funcionamento e devem incluir espaços seguros para meninas e mulheres em risco.

- Reconhecer que a saúde e os direitos sexuais e reprodutivos são essenciais para salvar vidas, fundamentais para o bem-estar das mulheres jovens e precisam ser protegidos como parte da resposta crítica a esta crise.

- Disponibilizar aconselhamento e aumentar os serviços de saúde mental, reconhecendo o impacto psicológico da pandemia, sobretudo em meninas e mulheres jovens. Garantir que as informações e os serviços, que devem incluir linhas de apoio e acesso digital, sejam acessíveis, não discriminatórios e livres de estigma.

- Garantir que as respostas ao surto incluam medidas focadas na proteção e apoio à segurança econômica de mulheres jovens, como: acesso a treinamento e desenvolvimento de habilidades, creches, trabalho flexível e incentivo a vagas de aprendiz remuneradas nos locais de trabalho e treinamento vocacional nos currículos universitários.

Os ministérios da educação devem:

- Priorizar a continuidade do aprendizado enquanto as escolas estiverem fechadas e tomar medidas como investimento em métodos adequados de educação à distância de baixa tecnologia, acessíveis e com perspectiva de gênero, de modo que a educação a distância seja acessível a todas/os.

- Financiar e permitir um retorno seguro à escola para as/os estudantes. O fechamento de escolas devido ao COVID-19 interrompeu a educação de mais de 767 milhões de meninas em 188 países que correm o risco de abandonar a escola permanentemente. É imperativo que o planejamento de volta à escola aborde a situação particular de meninas e jovens de uma forma inclusiva e sensível a gênero, envolvendo famílias, comunidades e o monitoramento individual das meninas adolescentes vulneráveis.

As agências da ONU, os doadores internacionais e os parceiros de implementação devem:

- Prestar atenção especial às necessidades mais críticas dos países de baixa renda, assim como dos Estados frágeis e daqueles que enfrentam crises humanitárias: além de financiamentos rápidos e flexíveis, financiamentos de doações adicionais e de cooperação técnica. A proteção, os cuidados e as necessidades econômicas de meninas, jovens e outros grupos vulneráveis – pessoas desabrigadas e deslocadas, refugiadas, que precisam de asilo e outras que não têm apoio familiar e comunitário – também devem ser identificados e priorizados.

- Encorajar governos nacionais para que estes protejam os orçamentos de ajuda humanitária para garantir que os custos sanitários, econômicos e sociais do COVID-19 não recaiam sobre os países mais pobres e as populações mais vulneráveis.

NOTAS FINAIS

- 1 Chaplin, Steve. "COVID-19: a brief history and treatments in development." *Prescriber*, 21 May 2020, vol.31, no.5, 2020, pp. 23-28., <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1002/psb.1843>, accessed 20 August 2020.
- 2 "COVID-19 situation update worldwide" European Centre for Disease Prevention and Control, 28 August 2020, <https://www.ecdc.europa.eu/en/geographical-distribution-2019-ncov-cases>, accessed 28 August 2020.
- 3 "Global Map," John Hopkins Coronavirus resource centre, 28 August 2020, <https://coronavirus.jhu.edu/>, accessed 23 August 2020.
- 4 "Education: From Disruption to Recovery" UNESCO, no date, <https://en.unesco.org/covid19/educationresponse>, 28 August 2020.
- 5 Bubbles are defined as a group of people which you can have close physical contact with outside your household. They must be exclusive and once in one you cannot switch to include another household.
- 6 Taylor, Tegan. "How long will the COVID-19 pandemic last?" ABC News Australia, 20 March 2020, <https://www.abc.net.au/news/health/2020-03-20/coronavirus-covid19-pandemic-how-long-will-it-last/12043196>, accessed 26 August 2020.
- 7 "Coronavirus vs. inequality: How we'll pay vastly different costs for the COVID-19 pandemic?" UNDP, 2020, <https://feature.undp.org/coronavirus-vs-inequality/>, accessed 27 August 2020.
- 8 "How investing in adolescent girls can change the world" Plan International Australia, 2020.
- 9 Interview with Angelina, 17, Plan International Mozambique, 28 April 2020. 10 Countries marked with I signify that Ipsos collected the data for the respective country, countries marked with K signify that Kantar collected the data and P signifies that Plan International Country offices collected the data.
- 11 Computer assisted telephone interviews were carried out in Ethiopia, Zambia and Mozambique. Ghana and Egypt carried out face-to face surveys. In respect of Egypt's data regulations, the sample was collected from beneficiaries currently participating in ongoing projects' activities related to adolescents' girls' empowerment as part of Plan's standard monitoring practices. Ghana had difficulty accessing high number of adolescent girls and young women without going into communities and doing face to face data collection.
- 12 Academics were from the Faculty of Law at the University of Western Cape in South Africa and University of Leiden in the Netherlands
- 13 The Egypt sample was collected from beneficiaries currently participating in ongoing projects' activities related to adolescent girls' empowerment as part of Plan's standard monitoring practices.
- 14 The regions are Asia-Pacific (Australia, India, Vietnam); Europe (France, Spain); Africa (Egypt, Ethiopia, Ghana, Mozambique, Zambia); Latin America (Brazil, Ecuador, Nicaragua); North America (USA)

15 World Bank definitions were used for country income boundary: Low income: (GNI/Capita USD) <1,035: Ethiopia and Mozambique. Lower-middle income: (GNI/Capita USD) 1036-4045: Zambia, Ghana, India, Vietnam, Nicaragua and Egypt. Upper-middle income: (GNI/Capita USD) 4046-12,535: Ecuador and Brazil. High income: (GNI/Capita USD) >12,536: France, Spain, United States and Australia.

16 We have discounted participants respondents who refused to answer this question or responded 'don't know' in all questions

17 "COVID-19 Coronavirus Pandemic." Worldometer, 2020, <https://www.worldometers.info/coronavirus/>, accessed 12 August 2020 18 "Coronavirus Government Response Tracker." Blavatnik School of Government, University of Oxford, 2020, <https://www.bsg.ox.ac.uk/research/research-projects/coronavirus-government-response-tracker>, accessed 12 August 2020.

19 Worldometers (2020). Available at: <https://www.worldometers.info/coronavirus/>, accessed 12 August 2020 "COVID-19 Coronavirus Pandemic." Worldometer, 2020, <https://www.worldometers.info/coronavirus/>, accessed 12 August 2020 20 "Coronavirus Government Response Tracker." Blavatnik School of Government, University of Oxford, 2020, <https://www.bsg.ox.ac.uk/research/research-projects/coronavirus-government-response-tracker>, accessed 12 August 2020.

21 Countries that had this as an answer option were Brazil, USA, Nicaragua, Ecuador, India, Vietnam, Spain, France and Australia.

22 The girls and young women could choose more than one answer option for this question

23 We differentiated between 'not being able to leave the house regularly' and 'being forced to stay at home all time' to account for the different types of lockdowns across the different countries. In some countries like Spain or India, lockdowns were very strict with only being able to leave the house once a day, which was actively policed. While in other countries the advice to stay as home as possible but staying at home was not actively enforced. 24 15 per cent of girls for Asia Pacific, 17 per cent for Europe and 18 per cent in North America.

25 "Conflict-affected, displaced and vulnerable populations. COVID-19 Education Response: Education sector issue notes". UNESCO, 2020. Issue Note 8 (1), <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000373330>, accessed 4 August 2020.

26 "COVID-19 Impact on Education." UNESCO, 2020, <https://en.unesco.org/covid19/educationresponse>, accessed 30 July 2020

27 Ibid.

28 "In Ethiopia: Keeping children learning during COVID-19." UNICEF, 9 June 2020, <https://www.unicef.org/ethiopia/stories/ethiopia-keeping-children-learning-during-covid-19>, accessed 30 July 2020.

29 "Under Siege: Impact of COVID-19 on Girls in Africa." Plan International and African Child Policy Forum, 14 August 2020, <https://plan-international.org/publications/under-seige-impacts-covid19-african-girls>, accessed 4 August 2020.

30 Story Interview with Deborah, 18, Plan International Brazil, 3 May 2020. 31 "COVID-19 Impact on Education." UNESCO, 2020, <https://en.unesco.org/covid19/educationresponse>, accessed 30 July 2020

32 Interview with Raina, 12, Plan International Mozambique, 12 April 2020. 33 "Under Siege: Impact of COVID-19 on Girls in Africa." Plan International and African Child Policy Forum, 14 August 2020, <https://plan-international.org/publications/under-seige-impacts-covid19-african-girls>, accessed 4 August 2020.

34 For this question, participants could tick all that applied to them, the total number of participants was 7,105

- 35 Devlin, Hannah. "Men are much more likely to die from coronavirus – but why?" The Guardian, 16 April 2020, <https://www.theguardian.com/world/2020/mar/26/men-are-much-more-likely-to-die-from-coronavirus-but-why>, accessed 15 July 2020.
- 36 Conti, P. and Younes, A. "Coronavirus COV-19/SARS-CoV-2 Affects Women Less Than Men: Clinical Response to Viral Infection." Journal of Biological Regulators & Homeostatic Agents Vol.34 (2), 2020, https://www.researchgate.net/profile/Pio_Conti/publication/340511757_Coronavirus_COV-19SARS-CoV-2_affects_women_less_than_men_clinical_response_to_viral_infection/links/5ea160a4299bf14389402e5d/Coronavirus-COV-19-SARS-CoV-2-affects-women-less-than-men-clinical-response-to-viral-infection.pdf, accessed 30 July 2020.
- 37 "UNFPA Asia and Pacific Regional Office Coronavirus Guidance Document." UNFPA China, 22 February 2020, <https://china.unfpa.org/en/publications/200206001>, accessed 21 July 2020. 38 "Impact of the COVID-19 Pandemic on Family Planning and Ending Gender-Based Violence, Female Genital Mutilation and Child Marriage." UNFPA, 27 April 2020, <https://www.unfpa.org/resources/impact-covid-19-pandemic-family-planning-and-ending-gender-based-violence-female-genital>, accessed 28 August 2020.
- 39 "When returning to normal doesn't work for half the world's population: How to build back better." International Rescue Committee, 2020, <https://drive.google.com/file/d/177X7G6jIVQcWdMmAP2zEjP5-YdXYyE1bl/view>, accessed 3 August 2020.
- 40 Sochas, Laura. Channon, Andrew Amos. and Nam, Sara. "Counting indirect crisis-related deaths in the context of a low-resilience health system: the case of maternal and neonatal health during the Ebola epidemic in Sierra Leone." Health Policy and Planning, vol. 32, no.suppl_3, 2017, pp.iii32-iii39, https://academic.oup.com/heapol/article/32/suppl_3/iii32/4621472, accessed 30 July 2020.
- 41 Wenham Clare. Arevalo, Amaral. Coast, Ernestina. Correa, Sonia. Cuellar, Katherine. Leone, Tiziana and Valogueiro, Sandra. "Zika, abortion and health emergencies a review of contemporary debates." Global Health. 2019; 15-49, <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6657045/>, accessed 20 July 2020.
- 42 Wenham, Clare. Smith, Julia. Davies, Sara.E. Feng, Huylun. Grépin, Karan.A. Harman, Sara. Herten-Crabb, Asha. & Morgan. Rosemary. "Women are most affected by pandemics – lessons from past outbreaks." Nature. Vol 583, 2020, <https://media.nature.com/original/magazine-assets/d41586-020-02006-z/d41586-020-02006-z.pdf>, accessed 20 July 2020.
- 43 "UN Chief Calls for Domestic Violence 'Ceasefire' amid 'Horrifying Global Surge – UN News" United Nations, 6 April 2020, <https://news.un.org/en/story/2020/04/1061052>, accessed 27 July 2020.
- 44 "Las llamadas al 016 aumentan un 60% durante abril en comparación con el mismo mes de 2019." Government of Spain, 5 May 2020, <https://www.lamoncloa.gob.es/serviciosdeprensa/notasprensa/igualdad/Paginas/2020/050520-016.aspx>, accessed 27 May 2020.
- 45 Bartels-Bland, Emily. "COVID-19 Could Worsen Gender Inequality in Latin America and the Caribbean". World Bank News. World Bank, 15 May 2020, <https://www.worldbank.org/en/news/feature/2020/05/15/covid-19-could-worsen-gender-inequality-in-latin-america-and-the-caribbean>, accessed 23 Jul 2020.
- 46 Moloney, Anastasia. "Hundreds of girls, women have disappeared during pandemic in Peru". Thomas Reuters Foundation, 4 August 2020, <https://news.trust.org/item/20200804220844-va787/>, accessed 25 August 2020.
- 47 Interview with Lixiana, 17, Plan International Nicaragua, 10 July 2020

- 48 “COVID-19 and Children’s Rights”. Human Rights Watch, 9 April 2020, <https://www.hrw.org/news/2020/04/09/covid-19-and-childrens-rights#:~:text=The%20COVID%2D19%20pandemic%20has,for%20large%2Dscale%20school%20shutdowns.>, accessed 28 August 2020.
- 49 Bhalotra, Sonia. Kamnbhampati, U. Rawlings, S. Siddique, Z. “Intimate Partner Violence: The Influence of Job Opportunities for Men and Women.” (Policy Research Working Paper -9118). World Bank Group, January 2020, <http://documents1.worldbank.org/curated/en/961291579703477493/pdf/Intimate-Partner-Violence-The-Influence-of-Job-Opportunities-for-Men-and-Women.pdf>, accessed 18 August 2020.
- 50 Stoebenau, Kirsten. Heise, Lori, Wamoyi, Joyce. and Babrova, Natalia. “Revisiting the understanding of “transactional sex” in Sub-Saharan Africa: A review and synthesis of the literature.” *Social Science and Medicine*. Vol 168, 2016, pp. 186-191, <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2016.09.023>, accessed 13 August 2020.
- 51 Please note respondents could tick all that applied
- 52 Due to cultural reasons in Egypt only married women were allowed to be asked all answer options, unmarried girls and young women were not given the option of selecting contraception and STI services.
- 53 “COVID-19 is not gender blind!” Plan International Mozambique, July 2020.
- 54 Participants could tick more than one answer option.
- 55 Reardon, Sara. Ebola’s mental health wounds linger in Africa. *Nature* 519, (2015): 13-4.
- 56 Brunier, Alison. “Substantial investment needed to avert mental health crisis”. 14 May 2020. World Health Organisation – News Release. Available at: <https://www.who.int/news-room/detail/14-05-2020-substantial-investment-needed-to-avert-mental-health-crisis>, accessed 27 August 2020.
- 57 Salari, Nader. Hosseinian-Far, Amin. Jalali, Rostam. Vaisi-Raygani, Aliakbar. Rasoulpoor, Shna. Mohammadi, M. Rasoulpoor, Shabnam. And Khaledi-Paveh, Behnam. “Prevalence of stress, anxiety, depression among the general population during the COVID-19 pandemic: a systematic review and meta-analysis” *Globalisation and Health*, BioMed Central, 6 July 2020, <https://globalizationandhealth.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12992-020-00589-w> accessed August 18.
- 58 Sánchez-Juárez, Anna “La salud mental del 46 % de los españoles está en riesgo por la crisis del coronavirus.” Universitat Oberta de Catalunya, 11 May 2020, (<https://www.uoc.edu/portal/es/news/actualitat/2020/229-covid-salud-mental-economia.html>), accessed 25 August 2020
- 59 Gao, Junling. Zheng, Pinpin. Jia, Yingnan. Chen, Hao. Mao, Yimeng. Chen, Suhong. Wang, Yi. Fu, Hua. And Dai, Junming. “Mental health problems and social media exposure during COVID-19 outbreak” *PLOS One* 15(4): e0231924. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0231924>, accessed 28 August 2020.
- 60 Auerbach, John. and Miller, Benjamin F. “COVID-19 exposes the cracks in our already fragile mental health system.” *American Journal of public health*. Vol 110 (7), 1 July 2020: pp. 969 -970, <https://doi.org/10.2105/AJPH.2020.305699>, accessed 18 August 2020
- 61 Paley, Amit “The Coronavirus has shrunk LGBTQ Youth’s safe spaces.” World Economic Forum, 31 July 2020, <https://www.weforum.org/agenda/2020/07/the-coronavirus-has-shrunk-lgbtq-youths-safe-spaces/>, accessed 29 August 2020.
- 62 “The Impact of Covid-19 on Mental Health in England; Supporting services to go beyond parity of esteem.” British Medical Association, 2020, <https://www.bma.org.uk/media/2750/bma-the-impact-of-covid-19-on-mental-health-in-england.pdf>, accessed 29 August 2020.

32. Halting Lives: O impacto do COVID-19 em meninas e mulheres jovens

63 Carey, B. “Is the pandemic sparking suicide? Psychiatrists are confronted with an urgent natural experiment and the outcome is far from predictable”, New York Times, 19 May 2020, <https://www.nytimes.com/2020/05/19/health/pandemic-coronavirus-suicide-health.html>, accessed 5 August 2020.

64 We used World Bank definitions of low, lower-middle, upper-middle- and high-income countries. Calculated by GNI/Capita USD. Low income <\$1,035, included Ethiopia and Mozambique. Lower-middle income: \$1,036-\$4,045, includes Zambia, Ghana, India, Vietnam, Nicaragua and Egypt. Upper-middle income: 4046 -12,535: Ecuador, Brazil and high income >12,536: France, Spain, United States and Australia.

65 Interview with Emma, 14, Plan International Ghana, 11 April 2020.

66 “COVID-19 Coronavirus Pandemic.” Worldometer, 2020, <https://www.worldometers.info/coronavirus/>, accessed 14 August 2020

67 Participants could choose more than one response to this question

68 “Dignity not Destitution: An ‘Economic Rescue Plan for All; to tackle the Coronavirus Crisis and Rebuild a More equal World.” Oxfam Media Briefing. Oxfam Policy and Practice, 9 April 2020. <https://policy-practice.oxfam.org.uk/publications/dignity-not-destitution-an-economic-rescue-plan-for-all-to-tackle-the-coronavir-620976>, accessed 9 July 2020.

69 Orlik, Tom. Rush, Jamie. Cousin, Maeva. and Hong, Jinshan. “Coronavirus could cost the global economy \$2.7 trillion. Here’s how.” Bloomberg, 6 March 2020, <https://www.bloomberg.com/graphics/2020-coronavirus-pandemic-global-economic-risk/>, accessed 5 Aug 2020. 70 Campbell, Denis. and Siddique, Haroon. “COVID-19 death rate in England higher among BAME people.” The Guardian, 2 June 2020, <https://www.theguardian.com/world/2020/jun/02/covid-19-death-rate-in-england-higher-among-bame-people>, accessed 27 May 2020

71 “Health Equity Considerations and Racial and Ethnic Minority Groups.” Centers for Disease Control and Prevention, 24 July 2020, <https://www.cdc.gov/coronavirus/2019-ncov/community/health-equity/race-ethnicity.html>, accessed 27 August 2020.

72 Adams-Prassi, Abi. Boneva, Teodora. Golin, Marta. and Rauh, Christopher. “Inequality in the Impact of the Coronavirus Shock: Evidence from Real Time Surveys.” Institute of Labor Economics, IZA, DP No. 13183, April 2020, <http://ftp.iza.org/dp13183.pdf>, accessed 18 August 2020.

73 Interview with Deolinda, 19, Plan International Mozambique, 12 April 2020.

74 See for instance the United States of America: <https://www.pewresearch.org/fact-tank/2020/06/11/unemployment-rose-higher-in-three-months-of-covid-19-than-it-did-in-two-years-of-the-great-recession/> accessed on 27 July 2020; India: <https://www.bbc.co.uk/news/world-asia-india-52559324> on 27 July 2020; Vietnam: <https://vietnamtimes.org.vn/31-million-vietnamese-workers-severely-hit-by-covid-19-22249.html> (accessed on 27 July 2020; France: <https://uk.reuters.com/article/uk-health-coronavirus-france-youth-jobs/frances-generation-covid-faces-bleak-future-with-jobs-scarce-idUKKBN23I34C> 27 July 2020; and Ethiopia: <https://ethiopianmonitor.com/2020/04/10/covid-19-two-million-ethiopians-could-become-jobless-within-3-months/> accessed 27 July 2020

75 “ILO Monitor: COVID-19 and the world of work. Fifth edition Updated estimates and analysis.” International Labour Organisation, 30 June 2020, https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/@dgreports/@dcomm/documents/briefingnote/wcms_749399.pdf, accessed on 27 August 2020.

76 Ibid.

77 “COVID-19 and Labour Statistics.” International Labour Organisation, <https://ilostat.ilo.org/topics/covid-19/>, accessed 27 August 2020.

78 Henriques, Martha. "Why COVID-19 is different for men and women." BBC Future, BBC, 13 April 2020, <https://www.bbc.com/future/article/20200409-why-covid-19-is-different-for-men-and-women>, accessed 5 August 2020.

79 Deshpande, Ashwini. "The Covid-19 Pandemic and Lockdown: First Order Effects on Gender Gaps in Employment and Domestic Time Use in India." GLO Discussion Paper, No. 607, Global Labor Organization (GLO), <https://www.econstor.eu/bitstream/10419/222416/1/GLO-DP-0607.pdf>, accessed at 5 August 2020.

80 Adams, Renee.B. "Gender Equality in Work and COVID-19 deaths." COVID Economics, Issue 16, 11 May 2020; pp23-60,<https://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3601651>, accessed 31 August 2020.

81 Ibid.

82 Farré, Lúdia. Fawaz, Yarine. González, Libertad. and Graves, Jennifer. "How the COVID-19 Lockdown Affected Gender Inequality in Paid and Unpaid Work in Spain." IZA Institute of Labour Economics, IZA Discussion Paper No. 13434, July 2020, <https://www.iza.org/publications/dp/13434/how-the-covid-19-lockdown-affected-gender-inequality-in-paid-and-unpaid-work-in-spain>, accessed 5 August 2020.

83 The study was conducted in the UK, USA, Canada, The Philippines and Kenya, as well as supplementary information on a related programme in Tunisia.

84 Bolis, Mara. Parvez, Anam. Holten, Emma. Mugehera, Leah. Abdo, Nabil. and Moreno, Maria Jose. "Care in the time of Coronavirus: Why care work needs to be at the centre of a post-COVID-19 Feminist future." Oxfam International, June 2020, <https://oxfamilibrary.openrepository.com/bitstream/handle/10546/621009/bp-care-crisis-time-for-global-reevaluation-care-250620-en.pdf>, accessed 27 July 2020,

85 Deshpande, Ashwini. "The Covid-19 Pandemic and Lockdown: First Order Effects on Gender Gaps in Employment and Domestic Time Use in India." GLO Discussion Paper, No. 607, Global Labor Organization (GLO), <https://www.econstor.eu/bitstream/10419/222416/1/GLO-DP-0607.pdf>, accessed at 5 August 2020.

86 Bolis, Mara. Parvez, Anam. Holten, Emma. Mugehera, Leah. Abdo, Nabil. and Moreno, Maria Jose. "Care in the time of Coronavirus: Why care work needs to be at the centre of a post-COVID-19 Feminist future." Oxfam International, June 2020, <https://oxfamilibrary.openrepository.com/bitstream/handle/10546/621009/bp-care-crisis-time-for-global-reevaluation-care-250620-en.pdf>, accessed 27 July 2020,

87 Alon, Titon. Doepke, Matthias. Olmstead-Rumsey, Jane. and Tertilt, Michèle. "The impact of Covid-19 on gender equality." CRC TR 224 Discussion Paper Series, 2020, University of Bonn and University of Mannheim, https://ideas.repec.org/p/bon/boncrc/crctr224_2020_163.html, accessed 31 August 2020.

88 "Policy Brief: The Impact of COVID-19 on Women." United Nations, 9 April 2020, <https://reliefweb.int/sites/reliefweb.int/files/resources/policy-brief-the-impact-of-covid-19-on-women-en.pdf>, accessed 9 August 20

89 Sumner, Andy. Hoy, Chris. and Ortiz-Juarez, Eduardo. "Estimates of the impact of COVID-19 on global poverty." United Nations University World Institute for Development Economics Researc. WIDER Working Paper 2020/43, <https://www.wider.unu.edu/publication/estimates-impact-covid-19-global-poverty>, accessed 10 August 20

90 "Policy Brief: The Impact of COVID-19 on Women." United Nations, 9 April 2020, <https://reliefweb.int/sites/reliefweb.int/files/resources/policy-brief-the-impact-of-covid-19-on-women-en.pdf>, accessed 9 August 20

91 Broom, Douglas. "Coronavirus has exposed the digital divide like never before". World Economic Forum, 22 April 2020, <https://www.weforum.org/agenda/2020/04/coronavirus-covid-19-pandemic-digital-divide-internet-data-broadband-mobile/>, accessed 10 August 2020.

92 Ibid.

93 "Working Group on the Digital Divide. Recommendations for action: bridging gender gap in Internet and broadband access and use." The Broadband Commission for Sustainable Development, March 2017, <https://www.broadbandcommission.org/Documents/publications/WorkingGroupDigitalGenderDivide-report2017.pdf>, accessed 10 August 2020.

94 "The State of Broadband: Broadband as a Foundation for Sustainable Development." The Broadband Commission for Sustainable Development, September 2019, [https://www.itu.int/dms_pub/itu-s/opb/pol/S-POL-](https://www.itu.int/dms_pub/itu-s/opb/pol/S-POL-BROADBAND.20-2019-PDF-E.pdf)

[BROADBAND.20-2019-PDF-E.pdf](https://www.itu.int/dms_pub/itu-s/opb/pol/S-POL-BROADBAND.20-2019-PDF-E.pdf), accessed 7 July 2020

95 "COVID-19: The Impact on Girls." Plan International, 2020, <https://plan-international.org/publications/covid-19-impact-girls>, accessed 19 July 2020.

96 Interview with Lixiana, 17, Plan International Nicaragua, 10 July 2020.

97 However, the other regions did not have this answer option as the survey was conducted online.

98 Please note the majority of surveys were administered online with the exception of Zambia, Mozambique and Ethiopia which were administered by telephone and Egypt and Ghana which were administered face to face, therefore only these countries had an answer option of having no internet access, this is why this figure is so low (4 per cent) and only visible in Africa. In reality, the number of girls and young women who do not have access to the internet across all regions is likely to be much higher.

99 Warjri, Laetitia and Shah, Anushka. "India and Africa: Charting a Post- COVID-19 Future." Observer Research Foundation, Special Report No. 111, June 2020, https://www.orfonline.org/wp-content/uploads/2020/06/ORF_SpecialReport_111_India-Africa-Health.pdf, accessed 18 August 2020.

100 Barbier, Edward. B. and Burgess, Joanne. C. "Sustainability and Development after Covid-1." World Development. Vol 135, November 2020, <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0305750X20302084> accessed 21 August 2020.

101 " Why the majority of the world's poor are women." Oxfam International, <https://www.oxfam.org/en/why-majority-worlds-poor-are-women>, accessed 21 August 2020.

102 Cahapay, Michael. B. "Rethinking Education in the New Normal Post- COVID-19 Era: A Curriculum Studies Perspective." Aquademia, 4(2), ep20018. <https://doi.org/10.29333/aquademia/8315>, accessed 17 August 20

103 "Child marriage in humanitarian settings." Girls not Brides, August 2017 Thematic Brief, <https://www.ohchr.org/Documents/Issues/Children/HumanitarianSituations/GirlsNotBrides.pdf>, accessed 17 August 2020.

103 Saldhana, Jean "Life Post-COVID-19 Six prominent thinkers reflect on how the pandemic has changed the world." Finance & Development, June 2020, Vol. 57(2), <https://www.imf.org/external/pubs/ft/fandd/2020/06/how-will-the-world-be-different-after-COVID-19.htm>, accessed 21 August 2020.

105 “After COVID-19, a future for the world’s children?” The Lancet, 2 July 2020, [https://www.thelancet.com/pdfs/journals/lancet/PIIS0140-6736\(20\)31481-1.pdf](https://www.thelancet.com/pdfs/journals/lancet/PIIS0140-6736(20)31481-1.pdf), accessed 20 August 2020.

106 Participants could choose more than one answer for this question

107 Participants could choose more than one answer for this question

108 Haridasani Gupta, Alisha. “Why some women call this recession a ‘Shecession.’” New York Times, 9th May 2020, <https://www.nytimes.com/2020/05/09/us/unemployment-coronavirus-women.html>, accessed 31 August 2020.

109 Banks, James and Xu, Xiaowei “COVID-19 pandemic hits mental health, especially of the young and of women, and widens inequalities.” Institute for Fiscal Studies, Working Paper, 10 June 2020, <https://www.ifs.org.uk/publications/14876>, accessed 21 August 2020.

110 “Gender-Based Violence.” European Institute for Gender Equality, <https://eige.europa.eu/covid-19-and-gender-equality/gender-based-violence>, accessed 21 August 2020.

111 Story Interview with Deborah, 18, Plan International Brazil, 3 May 2020.

112 Interview with Lixiana, 17, Plan International Nicaragua, 10 July 2020.

WWW.PLAN.ORG.BR

 /planinternationalbrasil  /planbr  /planbrasil

 /planbrasiltv  /plan-international-brasil



SOBRE A PLAN INTERNATIONAL

A Plan International é uma organização humanitária e de desenvolvimento independente que promove os direitos das crianças e a igualdade para meninas. Buscamos um mundo justo, trabalhando junto com crianças, jovens, apoiadores e parceiros. Usando seu alcance, experiência e conhecimento, a Plan International impulsiona mudanças na prática e na política em nível local, nacional e global.

Somos independentes de governos, religiões e partidos políticos. Por mais de 80 anos, construímos parcerias de alto impacto em prol das crianças e atuamos em mais de 75 países.

Plan International

Global Hub

Dukes Court, Duke Street, Woking,
Surrey GU21 5BH, United Kingdom

Tel: +44 (0) 1483 755155

Fax: +44 (0) 1483 756505

E-mail: info@plan-international.org
plan-international.org

Published in 2020

 /planinternationalbrasil

 /planbr

 /planbrasil

 /planbrasiltv

 /plan-international-brasil